

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

JAMILLE LUIZA SCHMIDT

**REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA IDENTIDADE DE GÊNERO:  
PERCEPÇÕES DO PÚBLICO A PARTIR DO POSICIONAMENTO DA NETFLIX  
NA RETOMADA DA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

PORTO ALEGRE

2018

JAMILLE LUIZA SCHMIDT

**REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA IDENTIDADE DE GÊNERO:  
PERCEPÇÕES DO PÚBLICO A PARTIR DO POSICIONAMENTO DA NETFLIX  
NA RETOMADA DA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial a obtenção de grau de Bacharela em Relações Públicas.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Bertholdo Pieniz

PORTO ALEGRE

2018

JAMILLE LUIZA SCHMIDT

**REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA IDENTIDADE DE GÊNERO:  
PERCEPÇÕES DO PÚBLICO A PARTIR DO POSICIONAMENTO DA NETFLIX  
NA RETOMADA DA SÉRIE HOUSE OF CARDS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial a obtenção de grau de Bacharela em Relações Públicas.

Aprovado em: 10 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Bertholdo Pieniz  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisangela Lasta  
Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Sgorla  
Examinadora

### CIP - Catalogação na Publicação

Schmidt, Jamille Luiza  
REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA IDENTIDADE DE GÊNERO:  
PERCEPÇÕES DO PÚBLICO A PARTIR DO POSICIONAMENTO DA  
NETFLIX NA RETOMADA DA SÉRIE HOUSE OF CARDS / Jamille  
Luiza Schmidt. -- 2018.  
93 f.  
Orientador: Mônica Bertholdo Pieniz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Relações  
Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Representação midiática. 2. Debates  
identitários. 3. Posições de decodificação. 4. House  
of Cards. 5. Facebook. I. Bertholdo Pieniz, Mônica,  
orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são inúmeros, visto que, durante 5 anos de graduação, muitas coisas aconteceram e, principalmente, muitas pessoas fizeram acontecer.

Primeiramente, agradeço e dedico este trabalho à minha família, responsável pela construção do ser humano que sou hoje, por todo apoio, incentivo e afeto dedicados em toda a minha vida. Em especial, à minha mãe, exemplo de mulher, que renunciou à muitas conquistas pessoais para que hoje, eu pudesse estar realizando a nossa conquista. À minha irmã, por me influenciar com seu espírito independente e por todas as dicas, conselhos e proteção dados até aqui.

Ao Leonardo, meu companheiro de vida e um dos meus maiores incentivadores, que me proporcionou um ambiente tranquilo para a execução desse trabalho, mas, principalmente, por compreender que o companheirismo e o zelo estão presentes até mesmo na ausência e no silêncio.

Aos meus cachorros, Berenice, Juca e Rubens, por me lembrarem que os descansos entre as escritas são importantes e por estarem, literalmente, ao meu lado enquanto escrevia cada linha desse TCC.

Aos meus amigos, por entenderem todas as vezes em que disse: “Não posso, preciso fazer meu TCC!”. Obrigada por cada palavra, ou áudio de apoio, mas, sobretudo, por serem pessoas fantásticas que quero sempre comigo.

Aos meus colegas e amigos da Fabico, por compartilharem todos os perrengues ao longo desses anos, e por contribuírem muito para minha formação.

À minha orientadora, Mônica, uma das melhores professoras que tive na vida. Relações Públicas inspiradora e ser humano incrível.

À Fabico, por todos os ensinamentos, não só teóricos e técnicos da Comunicação, mas por me mostrar lições de cidadania imensuráveis.

Enfim, a todos que, de alguma forma, participaram deste processo, muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como temática os processos de representação midiática, a partir da perspectiva dos conceitos de identidade, diferença e gênero nas publicações da *fanpage* da série *House of Cards*, no Facebook. O objetivo geral é compreender as diferentes camadas de percepção dos públicos a partir dos conteúdos propostos. Para tanto, foi preciso apresentar o posicionamento da Netflix a partir dos escândalos e a consequente forma de retomada da série por meio de sua *fanpage*, identificar as diferentes temáticas envolvidas nas camadas de percepção dos públicos e analisar as posições de decodificação da audiência quanto aos novos rumos da série *House of Cards* a partir das teorias de Stuart Hall. O estudo reflete sobre debates identitários, representações midiáticas e processos relacionados à audiências e fãs. O procedimento metodológico foi baseado entre métodos qualitativos e quantitativos, os quais serão viabilizados a partir das técnicas de pesquisa bibliográfica que embasam teoricamente a análise, técnica de pesquisa documental a fim de apresentar o posicionamento da Netflix, observação não participante que auxilia no processo de seleção da amostra e que, em cima da qual, será realizada a técnica de análise de conteúdo para identificar as temáticas e as posições de decodificação. Ao falar de redes sociais e conversação em redes, foram utilizados conceitos de Recuero (2009-2012). Para os conceitos de identidade, diferença e identificação, foram empregadas teorias de Hall (2011-2013) e Silva (2013). No capítulo sobre gênero, movimento feminista e identidade de gênero, considerou-se as concepções de Beauvoir (1970), Scott (1989) e Hall (2006). Os conceitos de representação midiática foram retratados por Hall (2006) e Freire Filho (2009). Ao tratar sobre os estudos de recepção, foram apresentados os conceitos de Hall (2003) e Tomazetti e Coruja (2017). Por fim, a teoria sobre trânsito nas audiências foi apresentada por Orozco Gomez (2011). Constatou-se que, de modo geral, a audiência decodifica a mensagem da organização, conforme codificação proposta por ela mesmo, apoiando a retomada da série com uma personagem do gênero feminino assumindo o papel principal da trama.

**Palavras-chave:** Representação midiática. Debates identitários. Posições de decodificação. *House of Cards*. Facebook.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of course has as its main theme the processes of media representation, from the perspective of the concepts of identity, difference and gender in the fanpage publications of the House of Cards series, on Facebook. The general objective is to understand the different layers of perception of the public from the proposed contents. In order to do so, it was necessary to present the positioning of Netflix from the scandals and the consequent way of resuming the series through its fanpage, to identify the different themes involved in the layers of public perception and to analyze the positions of decoding the audience regarding the new direction of the House of Cards series from Stuart Hall's theories. The study reflects on identity debates, media representations, and processes related to audiences and fans. The methodological procedure was based on qualitative and quantitative methods, which will be made possible through bibliographic research techniques that theoretically support the analysis, documentary research technique in order to present the positioning of Netflix, a non-participant observation that assists in the selection process of the sample and that, above which, the technique of content analysis will be performed to identify the themes and the decoding positions. When talking about social networks and conversation in networks, concepts of Recuero (2009-2012) were used. For the concepts of identity, difference and identification, theories of Hall (2011-2013) and Silva (2013) were employed. In the chapter on gender, feminist movement and gender identity, the conceptions of Beauvoir (1970), Scott (1989) and Hall (2006) were considered. The concepts of media representation were portrayed by Hall (2006) and Freire Filho (2009). In dealing with reception studies, the concepts of Hall (2003) and Tomazetti and Owl (2017) were presented. Finally, the theory of transit in the hearings was presented by Orozco Gomez (2011). It was found that, in general, the audience decodes the message of the organization, according to codification proposed by itself, supporting the resumption of the series with a female character assuming the main role of the plot.

**Keywords:** Media representation. Identity debates. Decoding positions. House of Cards. Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – <i>House of Cards</i> e os protagonistas da série.....	20
<b>Figura 2</b> – Publicação em português, no perfil de <i>House of Cards</i> no Twitter .....	23
<b>Figura 3</b> – Publicação no Dia Internacional da Mulher, no perfil de <i>House of Cards</i> no Twitter.....	23
<b>Figura 4</b> – Publicação em apoio à Margarita Zavala, no perfil de <i>House of Cards</i> no Twitter.....	24
<b>Figura 5</b> – Última postagem na página oficial da série no Facebook, ainda com o ator no elenco da série .....	25
<b>Figura 6</b> – Atualização de foto de perfil na página oficial de <i>House of Cards</i> no Facebook.....	26
<b>Figura 7</b> – Atualização da foto de capa na página oficial de <i>House of Cards</i> no Facebook.....	27
<b>Figura 8</b> – Primeiro teaser sobre a 6ª temporada de <i>House of Cards</i> .....	28
<b>Figura 9</b> - Post "Minha Vez" .....	29
<b>Figura 10</b> - Post "Feliz dia da Independência" .....	30
<b>Figura 11</b> - Post "Lançamento da 6ª temporada" .....	31
<b>Figura 12</b> – Interação entre público e série no Facebook.....	32
<b>Figura 13</b> – <i>Printscreen</i> de comentário positivo da dimensão debates identitários .....	60
<b>Figura 14</b> - <i>Printscreen</i> de comentário negativo da dimensão debates identitários .....	61
<b>Figura 15</b> - <i>Printscreen</i> de comentário negativo da dimensão técnica .....	61
<b>Figura 16</b> - <i>Printscreen</i> de comentário positivo da dimensão técnica.....	62
<b>Figura 17</b> - <i>Printscreen</i> de comentário negativo da dimensão jurídica .....	62
<b>Figura 18</b> - <i>Printscreen</i> de comentário positivo da dimensão jurídica .....	63
<b>Figura 19</b> - <i>Printscreen</i> de comentário com conteúdo sem relação às dimensões .....	63
<b>Figura 20</b> - <i>Printscreen</i> de comentário com conteúdo envolvendo outras questões que não fazem parte da pesquisa .....	63
<b>Figura 21</b> – <i>Printscreen</i> de comentário feito por uma mulher na dimensão técnica .....	67

<b>Figura 22</b> - <i>Printscreen</i> de comentário feito por uma mulher na dimensão jurídica .....	68
<b>Figura 23</b> - <i>Printscreen</i> de comentário feito por uma mulher na dimensão debates identitários .....	68
<b>Figura 24</b> - Receptor masculino contrário a ascensão de Claire .....	69
<b>Figura 25</b> - Receptor masculino contrário a opinião de uma receptora feminina ..	69
<b>Figura 26</b> - Receptor masculino apoiando a retomada da série com Claire .....	70
<b>Figura 27</b> - Relação de comentários e respostas de comentários por post .....	71
<b>Figura 28</b> - <i>Printscreen</i> - Decodificação de posição dominante .....	72
<b>Figura 29</b> - <i>Printscreen</i> - Decodificação de posição negociada .....	72
<b>Figura 30</b> - <i>Printscreen</i> - Decodificação de posição opositiva .....	72

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1</b> - Publicações analisadas e seus respectivos números .....	58
---	----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Análise e resultados do post 1.....	74
<b>Quadro 2</b> - Análise e resultados do post 2.....	75
<b>Quadro 3</b> - Análise e resultados do post 3.....	77
<b>Quadro 4</b> - Análise e resultados do post 4.....	78
<b>Quadro 5</b> - Análise e resultados do post 5.....	80
<b>Quadro 6</b> - Análise e resultados do post 6.....	82
<b>Quadro 7</b> - Análise geral de dimensões e decodificações preponderantes por post .....	83

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Dimensões: Técnica, Jurídica, Debates Identitários e Outros .....	60
<b>Gráfico 2</b> - Percentual de gêneros presentes nas publicações analisadas .....	65
<b>Gráfico 3</b> - Número de comentários realizados por mulheres nas publicações....	66
<b>Gráfico 4</b> - Comentários/respostas de comentários feitos por mulheres conforme dimensão.....	68
<b>Gráfico 5</b> - Posições gerais de decodificação dos comentários aos posts .....	84
<b>Gráfico 6</b> - Posição de decodificação das respostas quanto aos comentários.....	84
<b>Gráfico 7</b> - Posições gerais de decodificação das respostas quanto aos posts ...	85

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2. HOUSE OF CARDS, ESCANDÂLOS E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO</b> .....	18
2.1 <i>House of Cards</i> .....	19
2.2 Escândalos na produção de <i>House of Cards</i> .....	20
2.3 Postagens de <i>House of Cards</i> na <i>fanpage</i> do Facebook.....	21
<b>3. IDENTIDADE: CONCEITO, DIFERENÇA E GÊNERO</b> .....	35
3.1 Identidade e o Seu Conceito.....	35
3.2 Identidade e Diferença.....	38
3.3 Identidade de Gênero e as Perspectivas do Feminismo.....	41
<b>4. REPRESENTAÇÃO, RECEPÇÃO E AUDIÊNCIAS</b> .....	47
4.1 As Representações Identitárias no Contexto Midiático.....	47
4.2 Os Estudos de Recepção .....	51
<b>5. PERCEPÇÕES DA AUDIÊNCIA</b> .....	56
5.1 Técnicas de pesquisa e coletas de dados .....	56
5.2 As dimensões de conteúdos presentes nas percepções .....	59
5.2.1 <i>A dimensão debates identitários na perspectiva da audiência feminina</i> .....	64
5.3 Processos de decodificação dos receptores.....	70
5.3.1 <i>Post 1 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	73
5.3.2 <i>Post 2 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	74
5.3.3 <i>Post 3 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	75
5.3.4 <i>Post 4 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	78
5.3.5 <i>Post 5 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	79
5.3.6 <i>Post 6 – Posições de decodificações e dimensões</i> .....	80

5.4 Resultados de dimensões e posição de decodificações entre os posts	82
.....	.....
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>88</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2013, o canal pago de *streaming*, Netflix, estreava a sua primeira produção exclusiva: *House of Cards*, uma trama contextualizada pela política estadunidense. Em meio a episódios polêmicos, tanto no enredo ficcional, quanto na vida real, envolvendo a produção da série e os atores, *House of Cards* se tornou um dos sucessos seriados de maior repercussão, inclusive, ganhando prêmios inéditos até então para produções do meio *online*.

A crise mais grave que *House of Cards* enfrentou, ocorreu em outubro de 2017, durante as gravações da 6ª temporada, onde o ator e protagonista, Kevin Spacey, no papel de Frank Underwood, foi denunciado por assédio e abuso sexual. Toda a repercussão e o agravamento do contexto fizeram com que a Netflix demitisse Kevin Spacey e suspendesse a produção da nova temporada de *House of Cards* por tempo indeterminado. Durante 4 meses, os fãs da série passaram por um hiato, acreditando ser o fim da produção, porém, em dezembro do mesmo ano, a Netflix anunciou que a produção da nova temporada de *House of Cards* seria retomada e suas gravações iniciadas em 2018. Nesta altura, a temporada final de *House of Cards* seria protagonizada, exclusivamente, pela atriz Robin Wright, uma vez que o enredo da trama estaria voltado para a ascensão de Claire Underwood, personagem interpretada pela atriz e esposa de Frank na série.

A partir disso, o presente trabalho de conclusão de curso tem como temática os processos de representação midiática, a partir da perspectiva dos conceitos de identidade e diferença nas publicações da *fanpage* da série, no Facebook, bem como pelas percepções do público acerca dos conteúdos emitidos pela organização. Os posts em questão estão delimitados cronologicamente, a partir da primeira postagem após o anúncio da temporada, até a publicação oficial sobre a sua data de estreia.

Desta forma, em primeiro lugar, a escolha do tema se baseia na relevância em termos comunicação e, principalmente, nos estudos da área de Relações Públicas que o contexto pode oferecer. A análise das audiências, considerando as percepções de diferentes públicos acerca de um mesmo assunto, é enriquecedora para a área de Comunicação. Além disso, o tema também tem

relação com os comportamentos dos públicos, sobretudo no que diz respeito às formas de representação envolvendo debates identitários, principalmente as discussões que envolvem os conceitos de gênero.

Por fim, abordar as percepções do público referentes ao posicionamento da Netflix na retomada de *House of Cards* no espaço do Facebook, justifica-se por uma motivação pessoal: a autora é fã da série e utiliza o site de rede social para acompanhar os conteúdos da produção, bem como observar a interação com o público, o que possibilita um maior aprofundamento no fenômeno a ser descrito. Por gostar da série, se interessar pelos temas pertinente a ela e ter a possibilidade de acompanhar de perto os demais fãs, o objeto de estudo a ser pesquisado e discutido surgiu de forma espontânea.

Visto isso, a questão que motivou o desenvolvimento deste trabalho e norteou os esforços em seu entorno foi: **quais são as percepções do público sobre o posicionamento da Netflix na retomada da série *House of Cards*, por meio do Facebook?** Para responder tal questão, o objetivo geral é compreender as diferentes camadas de percepção dos públicos a partir dos conteúdos propostos pela organização. A fim de atingi-lo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Apresentar o posicionamento da Netflix a partir dos escândalos e a consequente forma de retomada da série, por meio de sua *fanpage*; Identificar as diferentes temáticas envolvidas nas diferentes camadas de percepção; Analisar as posições de decodificação da audiência quanto aos novos rumos da série *House of Cards* a partir das teorias de Stuart Hall.

Para responder ao problema de pesquisa e atingir os objetivos propostos, primeiramente, procedeu-se à pesquisa bibliográfica, a fim de embasar a análise a ser realizada. A partir da recuperação teórica, foram definidas como técnicas de pesquisa o processo de observação não participante, executado durante o acompanhamento da *fanpage* da série no Facebook, pesquisa documental, utilizada no levantamento de materiais na própria página da série no Facebook, bem como no site da série e em notícias e matérias publicadas em outros meios, como jornais e revistas eletrônicas. Além disso, também foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, com o intuito de identificar os modos de recepção das audiências de *House of Cards* no Facebook, por meio da seleção de 6 posts, publicados pela organização, assim como pela repercussão dos receptores. Por

fim, para o desfecho da análise, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos.

Nesse sentido, o trabalho estrutura-se em cinco capítulos, sendo o primeiro deles a introdução. O segundo capítulo contextualiza a série *House of Cards* e aborda a maneira como a organização se apresenta em mídias sociais, embasado por autores como Recuero (2009 e 2012) e Baldissera (2009). O capítulo seguinte trata sobre o conceito de Identidade a partir, principalmente, das colocações teóricas de Stuart Hall (2011), com especificações referentes à identidade e diferença e identidade de gênero.

O quarto capítulo compreende os conceitos de representação, recepção e audiência empregados no contexto midiático. Além disso, também trata os processos de codificação e decodificação, especificamente por meio de estudos de audiências e fãs. No capítulo quatro, foram utilizados autores como Freire Filho (2005), Hall (2003 e 2016), Escosteguy (2008), Jacks, Menezes e Piedras (2008) e Orozco Gomez (2011).

Por sua vez, o quinto capítulo apresentará a estratégia metodológica e os resultados do estudo, embasados por Peruzzo (2005), Moreira (2005), Bardin (1977) e Richardson (2015). Para fins de análises e procedimentos metodológicos, foram verificados 6 posts com o desdobramento geral de 6.882 comentários e repostas de comentários. A fim de obter um recorte mais apurado, foram selecionados 102 comentários e respostas de comentários que tinha, como característica, um volume maior de conteúdo

O fechamento do trabalho, no último capítulo, retoma os objetivos e problema de pesquisa, trazendo as considerações finais do estudo e apresentando reflexões sobre as contribuições do trabalho para o campo da comunicação e de relações públicas.

## 2. HOUSE OF CARDS, ESCANDÁLOS E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, serão expostos os contextos históricos da série, sua apresentação e sua importância para o serviço de *streaming* de filmes e seriados Netflix, assim como os escândalos e as polêmicas que cercaram a produção e atores da série, até o período de realização desta monografia. Além disso, também será abordado o modo como a Netflix, responsável pela produção de *House of Cards*, utiliza as mídias sociais e outros meios de comunicação para realizar estratégias com o intuito de engajar o público fã da série.

Além disso, torna-se importante destacar que este capítulo objetiva apresentar o posicionamento da Netflix, a partir dos escândalos e a consequente forma de retomada da série, por meio de sua *fanpage*, o que diz respeito ao alcance do primeiro objetivo específico, sendo fruto de um procedimento metodológico de pesquisa documental.

Este processo foi utilizado a partir do levantamento de materiais na própria página da série no Facebook, no site da série, hospedado no website da Netflix, bem como em notícias e matérias publicadas em outros meios, como jornais e revistas eletrônicas, ou seja, os materiais analisados são de fontes secundárias, segundo a concepção de Moreira (2005). Conforme a autora, “a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. (...) Na maioria das vezes, é qualitativa: verifica o teor, o conteúdo do material para análise.” (MOREIRA, 2005, p. 271-272). Optou-se por apresentar estes dados no início do trabalho para que o leitor compreenda os fatos envolvidos na série e conheça os seus principais aspectos.

Sendo assim, o subcapítulo 2.1 trará o contexto de *House of Cards*, as inspirações para criação da série, o seu enredo e o modo de produção. O subcapítulo 2.2 abordará os escândalos que envolveram os bastidores da série, ilustrando o quão crucial foi para os novos rumos que a produção tomou. Já o subcapítulo 2.3, retratará o modo como a Netflix utiliza de estratégias comunicacionais para divulgação da série e engajamento com os fãs, por meio, principalmente, das mídias sociais.

## 2.1 *House of Cards*

Lançada em 2013, *House of Cards* é uma série norte-americana, criada por Beau Willimon, exclusivamente para o serviço de *streaming* Netflix, que foi baseada na versão britânica, exibida pelo canal BBC em 1990, e cuja produção possui o mesmo título. Atualmente, com 6 temporadas disponíveis, a série se tornou um dos dramas políticos mais assistidos e comentados no mundo, ganhando, inclusive, dois prêmios no Globo de Ouro<sup>1</sup>: melhor atriz em série dramática para Robin Wright (Claire Underwood) e melhor ator em série dramática para Kevin Spacey (Francis ou Frank Underwood), além de outros dois prêmios Emmy:<sup>2</sup> melhor diretor por série dramática para David Fincher e melhor ator convidado em série dramática para Reg E. Cathey (Freddy Hayes). Da mesma forma, *House of Cards* foi a primeira série a ser exibida online a ganhar o *Emmy*.

Estrelada pelos atores Kevin Spacey (na série como Francis ou Frank Underwood) e Robin Wright (como Claire Underwood), *House of Cards* traz narrativas sobre disputas políticas e de poder em meio ao governo norte-americano, simultaneamente em que explora a trajetória da vida pessoal e os segredos que ambos os personagens se inserem. Frank Underwood é um congressista democrata que, ao longo da série, exibe seu perfil ambicioso e as atitudes que é capaz de tomar para chegar ao poder. Já Claire Underwood, esposa de Frank, é apresentada na série como uma dirigente de uma organização não governamental (ONG), porém, durante o decorrer da produção, também demonstra sua ambição por poder. Vivendo em um casamento de fachada, ambos se tornam aliados com um único propósito: tomar a Casa Branca<sup>3</sup> e, mais do que isso, a presidência dos Estados Unidos.

---

<sup>1</sup> Premiação anual que escolhe os melhores profissionais do cinema e da televisão mundial.

<sup>2</sup> Maior premiação realizada para programas e profissionais da televisão mundial.

<sup>3</sup> Residência oficial do Presidente dos Estados Unidos e sede oficial do poder executivo do país.

**Figura 1 – *House of Cards* e os protagonistas da série**



Fonte: Facebook.com

Diferente de outras séries, *House of Cards* tem algo peculiar, uma vez que é produzida por meio de uma narração direta ao telespectador, onde Frank Underwood dirige-se ao público para contextualizar as ações que estão sendo tomadas ou que serão tomadas na cena em questão ou em próximas, além de explicar situações do passado sem a necessidade do uso de *flashbacks*<sup>4</sup>.

## 2.2 Escândalos na produção de *House of Cards*

Em maio de 2016, durante uma palestra em Nova York, a atriz Robin Wright declarou que seu salário era muito mais baixo do que o de Kevin Spacey na série e que exigiu da produção a equiparação para não declarar publicamente o caso, uma vez que seu papel tinha tanto destaque quanto o de Spacey. Conforme publicação da Revista Claudia (2017), Robin afirmou que sua solicitação foi atendida, mas, na época, sua declaração gerou muita polêmica e ganhou muita repercussão na mídia mundial.

Porém, em 2017, um ano após a sua manifestação, em uma entrevista, Robin afirmou que o aumento salarial por parte da Netflix nunca aconteceu. Sobre o caso, a produtora de *House Of Cards*, *Media Rights Capital*, explicou que a desigualdade salarial entre os atores ocorria pois, além de interpretar, Spacey também era um dos produtores da série.

---

<sup>4</sup> Em produções audiovisuais, é a interrupção da sequência cronológica da cena para mostrar fatos ocorridos anteriormente.

A estreia da 5ª temporada, ocorreu em 30 de maio de 2017. Por sua vez, esta seria a última temporada em que os fãs da série veriam Kevin Spacey interpretando Frank Underwood.

Segundo o Portal G1 (2017), durante as gravações da 6ª temporada, em outubro do mesmo ano, casos de assédio e abuso sexual envolvendo Spacey vieram à tona a partir da denúncia do ator Anthony Rapp, que revelou ter sido abusado sexualmente aos 14 anos pelo protagonista de *House of Cards*. Em resposta, Kevin Spacey emitiu uma nota em que afirmava não se lembrar do caso. Ainda, pediu desculpas à Anthony e se declarou gay, causando uma outra polêmica com a Comunidade LGBT, já que, segundo os membros da comunidade, a declaração de sua sexualidade foi utilizada nesse momento para mudar o enfoque de toda a discussão que cercava o ator e, além disso, também associava os casos de abuso e assédio com sua possível orientação sexual. Em sequência, vários homens, muitos do ramo artístico, como atores, produtores e cineastas, também relataram terem sofrido abuso sexual, por parte de Spacey, em anos passados.

Também nessa altura, de acordo com a revista Exame (2017), alguns membros antigos e atuais da equipe técnica de *House of Cards*, revelaram terem sido assediados ou terem presenciado esses atos realizados pelo ator durante as gravações da série. Tais acusações levaram a Netflix a demitir Kevin Spacey e suspender a produção da nova temporada de *House of Cards* por tempo indeterminado. Antes de declarar a interrupção da série, os produtores já haviam afirmado que a 6ª temporada seria a última da trama.

Segundo o jornal digital Nexo (2017), ainda em dezembro de 2017, a Netflix fez um novo pronunciamento, indicando que a produção da nova temporada de *House of Cards* seria retomada e as gravações iniciadas em 2018. Desta vez, a temporada seria protagonizada, exclusivamente, por Robin Wright e o enredo da trama estaria voltado para a ascensão de Claire Underwood.

### **2.3 Postagens de *House of Cards* na fanpage do Facebook**

Redes sociais são sites da internet que têm por finalidade a comunicação e que são mediadas pelo computador e por atores sociais. Esses sites possuem conexões, que nada mais são do que os laços sociais estruturados a partir da

interação entre os atores presentes (RECUERO, 2009). Nestes ambientes, as reações são fundamentais para formar ações de interação, por isso é preciso identificar o propósito e o comportamento de cada um desses atores, a fim de analisar a reciprocidade do que está sendo tratado.

De acordo com Recuero (2009), as redes sociais da internet podem ser definidas entre os tipos emergentes e de filiação (associação). As redes emergentes são construídas por meio de interações e possuem essa definição propriamente por serem produzidas de forma contínua. Nesse sentido, esse tipo de rede ocorre nos comentários feitos pelos atores sociais, em alguma publicação realizada por um deles, conforme explana Recuero (2009, p. 95):

(...) redes emergentes dependem do tempo disponível para a interação entre os atores sociais no computador, bem como de seu comprometimento e investimento em criar e manter um perfil, weblog, fotolog ou etc. por onde essas interações possam acontecer. (...) Essas redes são mantidas pelo interesse dos atores em fazer amigos e dividir suporte social, confiança e reciprocidade.

Por sua vez, as redes de filiação, ou associação, são constituídas por meio da identificação entre os atores, logo, configuram laços sociais. Além disso, por justamente apresentarem proporções amplas, são adequadas para ambientes cibernéticos.

Com produções próprias e de grande sucesso, como, por exemplo, *Orange is the New Black*<sup>5</sup> e, especialmente, *House of Cards*, a Netflix utiliza as redes sociais de cada uma dessas produções para realizar divulgações de lançamentos de temporadas e de publicações que engajam o público fã de suas séries.

Em *House of Cards*, são utilizados dois sites de redes sociais: Twitter e Facebook. No Twitter, que não será a rede social que terá foco no desenvolvimento deste trabalho, até a demissão de Kevin Spacey, era utilizado como o diário de Frank Underwood, onde o próprio personagem fazia as publicações, com conteúdos que diziam respeito ao enredo da série e de situações comum ao cenário político mundial, como o famoso tweet <sup>6</sup>, publicado em português, onde Frank fazia piada com a crise política brasileira, que é muito parecida com o enredo narrado em *House of Cards*.

---

<sup>5</sup> Série também produzida pela Netflix, que narra a história de detentas de um presídio feminino federal do Estados Unidos.

<sup>6</sup> Nome dado à publicação realizada na rede social Twitter.

**Figura 2** – Publicação em português, no perfil de *House of Cards* no Twitter



Fonte: Twitter.com

Desde a última postagem no perfil do Twitter, que ocorreu em outubro de 2017, antes da demissão de Spacey, a página ficou sem nenhuma publicação. O retorno à rede social ocorreu em 5 de março de 2018, com o teaser da próxima 6ª temporada da série, onde Claire Underwood já aparece como personagem principal do enredo. No contexto deste material, o único texto dissertado pela personagem é “ We're just getting started.” (“Estamos apenas começando”, em português).

É perceptível analisar que o uso do Twitter, pela produção da série, passou a ser muito mais pontual e focado em pautas femininas, mas, principalmente, nas divulgações da nova temporada de *House of Cards*. De março até então, além das publicações de materiais de divulgação da série, foram realizadas duas postagens com viés sobre empoderamento feminino. Uma delas, publicada em espanhol, no Dia Internacional da Mulher (8 de março), o discurso relata sobre o momento de ocupar o lugar que corresponde às mulheres, além de trazer referência ao Movimento #8M<sup>7</sup>.

**Figura 3** – Publicação no Dia Internacional da Mulher, no perfil de *House of Cards* no Twitter



Fonte: Twitter.com

<sup>7</sup> Movimento feminista, realizado no dia 8 de março, por meio de protestos e greves em países de todo o mundo.

Em maio do mesmo ano, um outro tweet, também escrito em espanhol, foi publicado em apoio à Margarita Zavala<sup>8</sup>, que acabara de renunciar sua candidatura à presidência do México.

**Figura 4** – Publicação em apoio à Margarita Zavala, no perfil de *House of Cards* no Twitter



Fonte: Twitter.com

Portanto, diferente do uso do Twitter quando, até então, as publicações eram realizadas por Frank Underwood, com a retomada da série, tendo Claire como única personagem principal, a produção utiliza a rede social para fomentar a nova e última temporada de *House of Cards*. Além disso, em situações convenientes, que apresentam alguma pauta feminista, a característica de inserir a personagem como autora das publicações retoma, de forma com que atribui e apresenta o novo enfoque da produção, voltado para a identidade de gênero.

Assim sendo, como no perfil do Twitter não há nenhum tipo de interação com os seguidores, ele não será o objeto de estudo para a pesquisa. Assim, diferente do modo em que é conduzida a comunicação da série em seu perfil oficial no Twitter, no Facebook o aspecto trabalhado é diferente. A página conta com 3.029.338 curtidores e 3.027.071 seguidores, conforme números levantados até 28 de agosto de 2018.

No Facebook, a última postagem com Kevin Spacey ainda no elenco da série, ocorreu em 11 de julho de 2017.

---

<sup>8</sup> Professora e Advogada mexicana, casada com o ex-presidente do México, Felipe Calderón.

**Figura 5** – Última postagem na página oficial da série no Facebook, ainda com o ator no elenco da série



Fonte: Facebook.com

Após os escândalos que envolveram o ator e a sua demissão da produção, a página ficou sem nenhuma comunicação durante 8 meses, tendo a primeira interação em 4 de março de 2018 com a atualização da foto de perfil, cuja imagem é a bandeira do Estados Unidos ao contrário, que é utilizada como logotipo da série.

**Figura 6** – Atualização de foto de perfil na página oficial de *House of Cards* no Facebook



Fonte: Facebook.com

Também no dia 4 de março do mesmo ano, a foto de capa da página foi atualizada com a frase “Querer é Poder”, que, ao que indica, é o emblema utilizado na 6ª temporada, pois já foi utilizado em outros materiais de divulgação.

**Figura 7** – Atualização da foto de capa na página oficial de *House of Cards* no Facebook



Fonte: Facebook.com

No dia posterior as atualizações mencionadas acima, em 5 de março de 2018, foi publicado um vídeo com o teaser da nova e última temporada de *House of Cards*, onde Claire Underwood já aparece na cadeira da presidência norte-americana e pronuncia a seguinte frase “Isto é só o começo.” (já traduzida para o português). Ao final do vídeo, a Netflix faz o anúncio de que se trata da temporada final, a ser estreada em breve, somente pela empresa de *streaming*.

**Figura 8** – Primeiro teaser sobre a 6ª temporada de *House of Cards*



Fonte: Facebook.com

Já em 11 de junho do mesmo ano, é feita a publicação de uma imagem da atriz Robin Wright nos bastidores da série, com a legenda “Minha vez”.

Figura 9 - Post "Minha Vez"



Fonte: Facebook.com

Em 4 de julho, dia em que se comemora o Dia da Independência nos Estados Unidos, foi publicado um vídeo com a personagem de Claire parabenizando pelo Dia da Independência e manifestando que se trata da independência dela. Como legenda do post, foi inserida a seguinte frase: “Este é o ano da Independência.”

**Figura 10** - Post "Feliz dia da Independência"

Fonte: Facebook.com

Por fim, em 7 de agosto, foi publicada a imagem com as informações sobre o lançamento da temporada final da série. Na legenda, foi publicada a data de lançamento: "02.11.18".

Figura 11 - Post "Lançamento da 6ª temporada"

House of Cards  
7 de agosto · 🌐

02.11.18

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

HOUSE  of CARDS

TEMPORADA FINAL

NOVOS EPISÓDIOS  
2 DE NOVEMBRO | NETFLIX

👍❤️😱 14 mil

1,4 mil comentários  
1.576 compartilhamentos

Fonte: Facebook.com

Por compreender que a Netflix se trata de uma organização, a partir da perspectiva da complexidade na comunicação organizacional, discutida por Baldissera (2009), é possível verificar três dimensões presentes nos processos comunicacionais: organização comunicada, organização comunicante e organização falada.

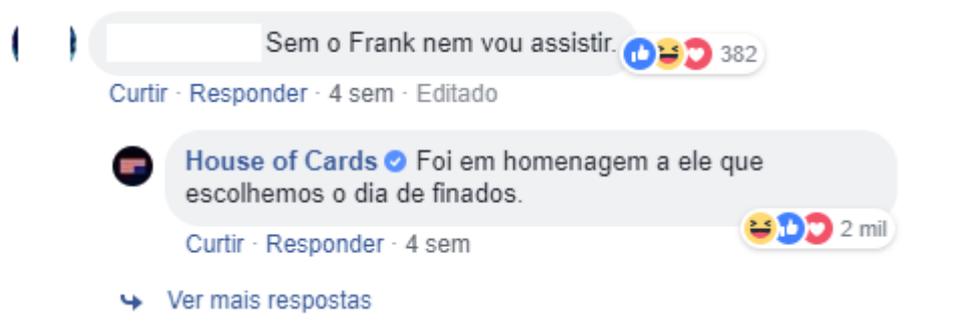
A dimensão da organização comunicada é baseada em tudo aquilo que a organização comunica ao seu público, ou seja, os métodos de comunicação que são pautados com o propósito de exteriorizar e dar visibilidade aos seus processos, de forma em que se tornem legítimos e certificados pela própria organização.

Por sua vez, a dimensão da organização comunicante sustenta-se a partir da relação com o seu público, pois é por meio desse vínculo que o processo comunicacional da organização é renovado. Assim, o planejamento da comunicação por parte da organização não se torna efetivo, mas ela ainda pode ser controlada, uma vez que o diálogo se faz presente na relação organização - público.

Diferente das dimensões de organização comunicada e comunicante, a organização falada é caracterizada pela informalidade. Esta dimensão está presente na comunicação realizada “fora do âmbito organizacional e que diz respeito à organização.” (BALDISSERA, 2009, p. 119). Portanto, mesmo que a organização não tenha controle sobre esse processo comunicacional, é possível que ela passe a observá-lo a partir da identificação e da visibilidade que esses diálogos venham ocasionar.

Nas mídias sociais de *House of Cards*, é possível observar que o processo de comunicação organizacional ocorre na dimensão de organização comunicada, que se dá por meio das publicações na página do Facebook e também na conta do Twitter, assim como também está presente na dimensão de organização comunicante, exibidos por meio das interações que são feitas nos comentários publicados pelo público nas postagens do Facebook:

**Figura 12** – Interação entre público e série no Facebook



Fonte: Facebook.com

No entanto, é possível considerar que a organização falada está presente em discussões feitas pelo público, tendo como exemplo os grupos da série, no Facebook, criados por fãs para discutir a trama, e no Twitter, através do uso de *hashtags*<sup>9</sup> com os termos que trazem referência *House of Cards*. Porém, como o escopo da pesquisa terá como objeto somente a página da série no Facebook, não serão realizadas análises fora da rede.

Para Recuero (2012), as redes sociais na internet ocasionam as conversações, que têm, como papel fundamental no ciberespaço, as manifestações dos usuários nesses ambientes. Para a autora, os sites de redes sociais possuem características que constituem um novo modo conversacional e que, por sua vez, possuem aspectos públicos, constantes e de coletividade, o que ela denomina de conversação em rede. Nesse sentido, esse novo formato de comunicação interfere na cultura, de forma em que constrói fenômenos, espalha informações, debate e organiza protestos, além de criticar e acompanhar ações políticas e públicas. Assim, a conversação em rede é capaz de submeter a interpretação da cultura, além de reconstruí-la. (RECUERO, 2012).

Além disso, a conversação pode apresentar outros impactos:

A conversação também possui outro efeito: publicizar as relações sociais construídas entre os interagentes, fornecendo contexto social para a interpretação dos grupos e das relações entre os indivíduos. (...) Pelo seu caráter público, a conversação em rede também referencia um determinado grupo social, contextos criados por esse grupo e divididos por ele. (RECUERO, 2012, p.126).

Como parte do objeto de estudo, que visa identificar o impacto da recepção no que diz respeito à identidade de gênero, no capítulo da pesquisa, que traz as análises, é possível verificar que o contexto criado por meio das publicações feitas pela produção de *House of Cards*, na página do Facebook, trouxeram a divisão de dois grupos sociais fãs da série: os que apoiam o retorno da produção com Claire (Robin Wright) sendo protagonista, de modo em que pauta o empoderamento feminino, e os que não apoiam e lamentam o fato da produção não continuar com o personagem de Kevin Spacey no elenco.

Para dar continuidade ao alcance dos objetivos, é necessário o embasamento teórico que segue nos próximos capítulos, a partir das noções de

---

<sup>9</sup> Termo utilizado para categorizar conteúdos postados na internet. A palavra ou frase é antecedida pelo símbolo #.

identidade, diferença e identidade de gênero, bem como sobre estudos de recepção e representação midiática, pois, como veremos na continuação da análise dos resultados, no capítulo 5, muito da posição existente entre os receptores se dá pelo embate identitário com base na representação midiática proposta pela organização em sua *fanpage*.

### **3. IDENTIDADE: CONCEITO, DIFERENÇA E GÊNERO**

Neste capítulo, serão abordados os conceitos de identidade, identidade e diferença e também os conceitos sobre identidade de gênero. Assim, no item 3.1 será apresentada a definição de identidade, a partir do contexto cultural e das representações estimuladas no indivíduo.

Por sua vez, o item 3.2 tratará especificamente sobre identidade e diferença, a partir da perspectiva de Estudos Culturais. Com relação à identidade de gênero, o item 3.3 apresentará os conceitos, principalmente no que se refere às mulheres, além de também abordar conceitos sobre o feminismo.

#### **3.1 Identidade e o Seu Conceito**

Para que se possa conceituá-la, é preciso compreender que a identidade é composta por um conjunto de atributos que definem o indivíduo por meio de suas peculiaridades, ou seja, a identidade é caracterizada a partir do que o sujeito representa. A partir disso, para entender o impacto da identidade na teoria social, Stuart Hall (2011), sociólogo e teórico cultural, aborda sobre a discussão imposta nesse âmbito e que envolve a questão da identidade nos últimos anos, uma vez em que as velhas identidades, que por muito tempo consolidaram o mundo social, estão enfraquecidas e resultando no surgimento de novas identidades que pulverizam o indivíduo moderno, que, até então, era compreendido como um sujeito unificado.

Assim, com esse novo processo de caracterização do sujeito e com o deslocamento de estruturas sociais modernas, emerge a chamada crise de identidade, que é responsável por fragmentar diversas estruturas culturais e sociais, tais como: “classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, que, anteriormente, forneciam sólidos referenciais enquanto indivíduos sociais (HALL, 2011, p. 9). Além disso, essas mudanças também impactam nas identidades pessoais, conforme descreve Hall (2011, p.9):

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo

social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Com o intuito de entender e contextualizar a questão da identidade, é preciso resgatar a sua concepção em três diferentes sujeitos, presentes em importantes períodos históricos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. De acordo com o conceito de Hall (2011), o sujeito do Iluminismo tinha sua identidade constituída a partir do próprio indivíduo, de forma muito centrada, onde suas capacidades eram totalmente racionais e voltadas à razão. Assim, o sujeito do Iluminismo nascia com a sua identidade e se desenvolvia com ela, sem influência de fatores externos, ou seja, esse indivíduo permanecia em toda a sua vida com a mesma identidade.

Já o sujeito sociológico tem a sua concepção baseada na relação com outros indivíduos, a partir da vivência em sociedade. Nessa relação, são apresentados ao sujeito valores, sentidos e símbolos, isto é, elementos da cultura presentes no ambiente em que habita. Desta forma, o vínculo entre sujeito e sociedade faz com que o sujeito sociológico tenha a sua identidade constantemente modificada ao longo da vida, pois são os fatores externos, existentes no diálogo entre culturas, que faz com que sua identidade seja preenchida entre o interior (visto como o mundo pessoal do indivíduo) e o mundo exterior (compreendido como o mundo público). Assim, Hall (2011, p.12) afirma que, nesse sentido, “a identidade costura o sujeito à estrutura”, fazendo com que esse sujeito e os mundos culturais em que vivem se tornem recíprocos e unificados.

Por outro lado, o sujeito pós-moderno é resultante de mudanças estruturais e institucionais, que faz com que a identidade deixe de ser estável e unificada para passar a ser fragmentada. Tais fatores, fazem com que o sujeito pós-moderno não tenha uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas sim uma identidade volúvel, que pode ser construída e reconstruída incessantemente, conforme o sujeito é representado nos sistemas culturais que permeia:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2011, p. 13).

Hall (2011) explana que, em contrapartida, a identidade teve grande impacto a partir da globalização, que ocasionou mudanças na modernidade tardia<sup>10</sup>, uma vez que as sociedades modernas são vistas como sociedades de transformações contínuas e instantâneas. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno está presente em um cenário de descontinuidades, já que, nesse contexto, as estruturas sociais são vistas como deslocadas e, portanto, o seu centro também é, conseqüentemente, deslocado. Igualmente, não são realizadas trocas de um centro para outro, mas sim de um centro para vários outros. Desta forma, a sociedade não pode ser vista de forma unificada e muito bem definida, já que as sociedades modernas se formam mediante as mudanças evolucionárias que partem de si mesma. Por esse motivo, “Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma”. (HALL, 2011, p. 17).

A partir disso, a principal característica das sociedades modernas tardias é a diferença, pois elas são permeadas por diferentes identidades, uma que vez o indivíduo toma posições diferentes a cada contexto. De qualquer forma, as sociedades podem não se fragmentar, conforme descreve Hall (2011, p. 18):

Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta.

Contudo, Hall (2011) afirma que a identidade é um processo que constrói o sujeito ao longo do tempo, por meio de ações involuntárias, ou seja, a identidade não é formada de modo consciente, no momento do nascimento. Além disso, ela é permanentemente incompleta e está constantemente sendo desenvolvida. Assim, a identidade do sujeito atual se manifesta não na totalidade da identidade que já está incorporada no indivíduo, mas sim na plenitude daquilo que ainda deve ser formado e que está presente no ambiente exterior, a partir das formas em que idealizamos sermos percebidos pelos demais.

Para enfatizar o processo de construção ao longo da vida do sujeito, Hall (2011, p. 39) salienta:

As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da

---

<sup>10</sup> O termo “modernidade tardia” remete à transformação da modernidade ocasionada pela globalização.

identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.

Portanto, a partir do que foi analisado por Hall no que diz respeito aos estudos de comunicação, é possível compreender que a identidade vista como regular e única não faz mais parte do sujeito moderno. Nessa perspectiva, a identidade passa a ser fragmentada e o indivíduo começa a externar questões que se relacionam com esses elementos e que formam a sua identidade, como gênero, raça, cultura, entre outros. Logo, é preciso considerar que as identidades necessitam serem vistas como versáteis, já que não acompanham mais o sujeito como uma característica única e infinita.

### **3.2 Identidade e Diferença**

A partir dos conceitos e concepções acerca da construção da identidade, é importante compreender a maneira com que a identidade e a diferença se relacionam e qual o impacto dessa relação aplicada ao sujeito. Com base nessas perspectivas, a autora Kathryn Woodward (2013) reitera que a identidade é relacional. Para existir, a identidade depende de algo fora dela, ou seja, de uma outra identidade, de uma identidade da qual ela não faz parte e que seja capaz de diferenciá-la, mas que, contudo, proporcione condições para que ela exista. Portanto, a identidade também é estabelecida pela diferença e, por sua vez, essa diferença é amparada pela exclusão, visto que a identidade é determinada por símbolos. Conforme a autora afirma “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” (WOODWARD, 2013, p. 10), ou seja, esses símbolos e objetos utilizados pelo sujeito confundem-se em meio aos seus fragmentos identitários, de tal modo que são exibidos como se fizessem parte, única e exclusivamente, daquele sujeito em questão e, assim, a diferença se aplica a partir do outro sujeito que não carrega em si esse símbolo ou objeto.

Por isso, além de tratar de questões sociais que interferem em sua construção, a identidade também é formada por processos simbólicos. O processo simbólico refere-se aos aspectos que fornecem sentido as práticas e relações sociais, isto é, define o sujeito que pode ser introduzido ou rejeitado perante aquela identidade. No entanto, a diferença aplicada no conceito social é confrontada a partir das experiências praticadas nas próprias relações sociais.

Por consequência, o esforço para assegurar diferentes identidades tem fundamentos e implicações materiais, conforme retrata Woodward (2013, p. 13):

Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável. Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.

Todavia, de acordo com Woodward (2013), ao relacionarmos o processo de identidade com os sistemas de representação, compreende-se que a representação integra recursos de significação, além dos mecanismos simbólicos que resultam em significados produzidos para que seja formada a condição enquanto sujeito. Através dos significados formados pelas representações, é possível conferir sentido no que diz respeito à experiência enquanto sujeito e aquilo que o forma. Assim, os sistemas simbólicos são capazes de produzir nossas identidades e desenvolvê-las para aquilo que podemos nos tornar. Nessa perspectiva, os diversos significados são produzidos por diversos sistemas simbólicos e, a partir disso, surgem questões acerca da influência da representação e como e por quê as manifestações de preferência acontecem:

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (...) Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais. (WOODWARD, 2013, p. 19).

Para compreender como a diferença está presente na identidade, é preciso, primeiramente, entender que há um processo de sistemas classificatórios que envolve os pontos sociais e simbólicos. Esses sistemas são responsáveis por empregar o princípio da diferença em diversos grupos sociais, que, por sua vez, acabam por se dividirem em classes com características opostas. Desse modo, as identidades são produzidas por meio da diferença, que é estabelecida através dos sistemas simbólicos da representação e também por meio de modos da exclusão social. Woodward (2013, p. 40) afirma que “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.”. Assim, as identidades são formadas com base em outras identidades opostas, ou seja, uma identidade é construída a partir do que ela não é.

Conforme expõe Silva (2013), a partir do momento em que afirmarmos sermos algo, ou que possuímos certas características, estamos, ao mesmo tempo, afirmando que não temos outras tantas características, ou então, que não somos outras tantas coisas. Assim, mesmo que de forma subjetiva, ao fazermos esses tipos de afirmações, estamos excluindo outras tantas concepções que podem vir formar a identidade e, ao mesmo tempo, estamos impondo o ponto de vista da diferença. A partir dessa perspectiva, a diferença é uma consequência da identidade e esta, por sua vez, é circunstância referencial e responsável por definir a diferença. Mais do que escolhas do sujeito, identidade e diferença são efeitos da relação social, pois ambas estão altamente agregadas com relações de poder, demarcando divisas e estabelecendo distinções:

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). (SILVA, 2013, p.81).

Desse modo, o processo de fragmentar o mundo social resulta em classificações impostas em grupos sociais. A identidade e a diferença estão vinculadas aos modos na qual a sociedade gera e executa as classificações. Conforme afirma Silva (2013, p.82) “As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade.”. Assim, além de resultar em métodos de hierarquização, as classificações também conferem diferentes valores as categorias já classificadas. Além disso, a classificação se torna significativa e privilegiada para algum dos lados, principalmente, quando se organiza ao redor das questões binárias existentes em duas classes distintas e expressivas, como masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual.

Por outro lado, a identidade e a diferença estão fortemente relacionadas com as formas de representação, visto que representar algo configura a afirmação do processo de definir esse algo como identidade. Ademais, as estruturas de poder se manifestam por meio da representação, que é concebida a partir da identidade e diferença. Nesse sentido, o indivíduo que possui o predomínio da representação também é capaz de delinear e instituir a identidade. Esse é o ponto crucial da discussão acerca dos movimentos sociais relacionados à identidade, já

que a representação exerce uma função muito importante nesse contexto. Além do mais, o processo de questionamento da identidade e diferença implica, conseqüentemente, no indagar dos sistemas de representação que apoiam e concedem assistência às mesmas. Desta maneira, o eixo da crítica da identidade e da diferença também apresenta crítica às formas de representação (SILVA, 2013).

Outrossim, Hall (2013) também atenta para o conceito da identificação e discute sobre a sua construção e o quanto ela faz parte de um movimento incompleto, como algo que está em constante estruturação, de forma em que não pode ser estabelecida, uma vez que é possível adquiri-la ou deixá-la. No entanto, a identidade é a postura que o sujeito precisa adotar, ainda que ciente de que muitas das suas concepções se tratam de representações e que estas, por sua vez, são produzidas através de ausências e divisões de características. Portanto, diferente da identificação, em que o sujeito pode querer tê-la ou não, a identidade é imposta.

### **3.3 Identidade de Gênero e as Perspectivas do Feminismo**

Antes de compreender e aprofundar a esfera científica sobre identidade de gênero, é preciso resgatar a forma como o seu conceito foi e continua sendo empregado ao longo das décadas. A ideia e o uso da definição de gênero tiveram início na década de sessenta, com os movimentos sociais liderados por mulheres. A partir disso, o conceito foi consolidado por meio da história de luta em busca de direitos civis e humanos, como respeito e igualdade. Do mesmo modo que as categorias de análise sociais, tais como classe, raça/etnia, entre outras, as relações de gênero também fazem parte desse âmbito. Por esse motivo, as reflexões acerca do conceito de gênero vêm sendo analisadas por diferentes áreas de estudos.

A partir de pesquisas gramaticais realizadas em variadas línguas, que constatarem que seres e objetos são definidos por gênero, porém caracterizados por palavras femininas e masculinas, e que somente os seres vivos podem ter sexo, é que os movimentos sociais, formados por mulheres, passaram a empregar o conceito de “gênero” ao invés de “sexo”. Nesses movimentos, ao utilizar a expressão “gênero”, as mulheres procuravam as razões referentes as

submissões delas mesmas na sociedade. Desta forma, o uso de gênero, nesse contexto, tinha o intuito de evidenciar que as diferenças compreendidas no comportamento entre homens e mulheres não se tratavam de questões biológicas relacionadas à lógica da conceituação de sexo, mas que esses contrastes eram definidos pelo gênero a partir da perspectiva cultural.

Simone Beavouir (1970), escritora francesa que trata das questões de gênero e uma das mais importantes e conhecidas autoras que discorre sobre o movimento feminista na história, relata sobre o ponto de vista da feminilidade e o quanto a sociedade argumenta sobre o perigo de ausência dela, uma vez que o conceito da feminilidade está muito atrelado a construção do “ser mulher”. Considerando as diversas construções sociais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, Beavouir questiona se a definição do ser mulher está relacionada somente às questões biológicas do corpo feminino, em especial, ao seu aparelho reprodutor. Nesse sentido e, de forma muito complexa, a autora conclui que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” (BEAVOUIR, 1970, p.7). Em contrapartida, esse conceito foi fragilizado a partir do momento em que as ciências biológicas e sociais passaram a afirmar que não acreditavam mais na existência de indivíduos imutáveis, capazes de delimitar as características como as da mulher.

Além disso, Beavouir (1970) também explana sobre a posição da mulher e do homem, enquanto suas ocupações e representações sociais, e reforça a questão da negação de identidade da mulher como indivíduo independente ao homem:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAVOUIR, 1970, p. 9).

No contexto social, o uso do termo “diferença sexual” era, até então, muito utilizado para abordar e argumentar sobre a formação dos papéis sociais de homens e mulheres nesse espaço. Nesse sentido, Joan Scott (1989) expõe que o gênero é constituído justamente pelas relações estabelecidas no âmbito social, a partir das diferenças observadas entre os sexos, uma vez que estes já instituam

relações de poder em seu interior. Em razão disso, considerar que o sexo é determinante para definir o conceito de gênero, é também atribuir elementos biológicos quando falamos de personalidade e comportamento de homens e mulheres determinados pela cultura. Conforme descreve Scott (1989, p.7):

O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

De modo geral, ao falarmos de gênero, estaríamos nos referindo aos aspectos socioculturais de um sujeito que são estruturados historicamente e culturalmente. Assim, o conceito de gênero compreende condutas, costumes, preferências, modos de se vestir, agir e falar que estão relacionados a atuação do “ser mulher” ou “ser homem”. A partir disso, essas perspectivas sociais e culturais estariam somadas com o contexto biológico, ou seja, um corpo que, pelo viés da natureza humana, é configurado entre feminino e masculino.

Apesar das questões que envolvem as discussões entre gênero e sexo serem complexas, existe também uma certa desorientação acerca dos sentidos de “gênero” e “sexualidade”. Gênero e sexualidade são desenvolvidas ao longo da existência do sujeito, por meio da bagagem cultural e contexto social em que está inserido. Nesse sentido, fatores externos como cultura, religião, mídias consumidas, entre outros, impactam diretamente nessas duas vertentes. Apesar disso, enquanto gênero acarreta comportamentos sociais proporcionados pelo aprendizado, a sexualidade envolve o objeto sexual em forma de desejo.

Nesse sentido, Viega (2010) também reflete sobre os sentidos adquiridos pelo sujeito, as atividades que desenvolvem por meio das relações sociais, considerando a presença das instituições como elementos perpassados por relações de gênero e poder. Portanto, é preciso entender como as sociedades organizam seus sistemas de valores de gênero e como esses sistemas provocam ou não estruturas desiguais:

(...) a formulação das convenções de gênero e sexualidade está intimamente relacionado às instâncias de saber e de poder, e é partir destes e de outros saberes e instâncias que foram igualmente se

legitimando historicamente que estas diferenças foram sendo produzidas como desigualdades. Investigar essas instâncias, bem como os discursos e saberes nela produzidos, nos dá pista dos modos como até hoje alguns pressupostos permanecem, outros se transformam e as desigualdades se produzem ou não. Analisar em cada contexto as formas como as afirmações negações são geradas, como as relações de poder se estabelecem e sobre quais pressupostos os saberes se constituem e se legitimam permite colocar em xeque as naturalizações que implicam, em última instância, violações constituídas a partir da intolerância à diferença. (VIEGA, 2010, p. 61-62).

Para Grossi (2000), as discussões sobre gênero definem tudo o que é social, cultural e historicamente estipulado. Desta maneira, as interações entre indivíduos dos sexos feminino e masculino fazem com que o conceito de gênero seja um processo constante de ressignificação. Por essa perspectiva, a sexualidade é apenas um dos elementos que constituem a identidade de gênero, bem como papéis de gênero. Justamente, são os papéis de gênero que consistem na representação mutável de um personagem e que, por sua vez, são ocasionados pela cultura e história, além de estarem atrelados ao sexo biológico (fêmea ou macho).

Stoller (1968) disserta sobre o fato de todo indivíduo apresentar um núcleo de identidade de gênero, visto como uma coleção de convicções impostas pela sociedade acerca do que é tido como feminino ou masculino. Esse núcleo de identidade de gênero não se transforma ao longo da vida psíquica do sujeito, porém é construído a partir da socialização, podendo associar novos papéis de gênero a esse tipo de princípios.

Por representar algo tão complexo, as discussões sobre identidade de gênero implicam em uma reflexão sobre a estrutura do sentimento individual de identidade quando inserido no contexto cultural da sociedade. Ao tratar especificamente das mulheres, Grossi traz um apanhado sobre como algumas categorias se tornam equivalentes na concepção social:

Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como sexo e gênero, identidade de gênero e sexualidade são tomadas muito seguidamente no Brasil como equivalentes entre si. De uma forma simplificada, diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos. (GROSSI, 2000, p. 12).

Como base no que funda a constituição das relações sociais entre feminino e masculino, o gênero se trata de uma composição social que impõe os padrões comportamentais, pautados culturalmente como aceitáveis ou não à mulheres e homens. Nesse sentido, é importante compreender que a maioria das sociedades revelam relações de gênero distintas. A desigualdade entre gêneros é exposta por meio de várias formas presentes no contexto da política e práticas sociais. É a partir desse desequilíbrio, que movimentos sociais, como o feminismo, se fortalecem.

Stuart Hall (2006), aponta que o feminismo é parte da categoria de novos movimentos sociais, emergentes na década de sessenta. Assim como outros movimentos sociais da época (estudantil, movimento pela paz, luta dos direitos civis, entre outros) precisavam apelar para uma identidade específica, a partir da instituída política da identidade, o feminismo recorreu à identidade de gênero. Entretanto, o movimento feminista foi responsável por ações de extrema relevância para a sociedade. O feminismo questionou a distinção entre o que era “público” e “privado”.

Além disso, iniciou a contestação política frente algumas discussões contemporâneas da vida social: família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão doméstica do trabalho, cuidado com as crianças, entre outros. O feminismo politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação enquanto homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas. Desta forma, o movimento que iniciou pela contestação da posição das mulheres na sociedade, difundiu-se para integrar a construção das identidades sexuais e de gênero. Conforme destaca Hall (2006, p. 46): “O feminismo questionou a noção de que os homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença social.”.

Como consequência da estruturação e organização do movimento feminista, que reúne mulheres com o intuito de lutar pelos seus direitos, é possível verificar o amadurecimento do movimento, tanto que pode ser analisado historicamente. Joana Pedro (2005), aponta que há três principais ondas de acontecimentos do movimento. A primeira, foi desenvolvida no fim do século XIX e direcionada para a reivindicação dos direitos políticos – como votar e ter direito a se candidatar – e dos direitos sociais e econômicos, que determinava o trabalho remunerado, estudos, propriedade e direitos à herança. A segunda onda

despertou após a Segunda Guerra Mundial e reivindicava o direito ao corpo e ao prazer, assim como o fim do patriarcado, que era compreendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Por sua vez, a terceira onda surgiu nos anos 90, a partir da necessidade de renovação do movimento feminista, onde as reivindicações eram apresentadas de forma mais ampla e relacionadas à autoestima sexual das mulheres.

A partir disso, algumas práticas originaram grupos de reflexão compostos somente por mulheres. Conforme relata Pedro (2005, p. 80):

O argumento para que estes grupos fossem assim – exclusivamente formados por elas –, foi muito bem explicado por Françoise Colin. Ela dizia que a presença dos homens nas reuniões freava as palavras e as iniciativas das mulheres; por isso, era para escapar a estes freios que os movimentos feministas não aceitavam reuniões mistas. E o que se fazia nestas reuniões nas quais só participavam mulheres? Cada uma narrava a maneira como tinha sido criada – diferente dos meninos –, de como em cada etapa da vida – infância, adolescência, maturidade – tinha vivido seu corpo de forma diferente e sofrido os preconceitos, as violências enfim, os impedimentos de se desenvolver plenamente. Nestas reuniões, as mulheres percebiam que o que tinha acontecido com elas, individualmente, era comum a todas as demais e concluíam que – como tinha dito Simone de Beauvoir – era a cultura, dominada pelos homens, que as tinha tornado submissas e com tão baixa auto-estima.

Fundado no que já foi exposto, as questões de gênero e identidade são vistas historicamente e presentes na contemporaneidade a partir da posição da mulher no âmbito social, uma vez que ela ainda precisa se afirmar enquanto sujeito indispensável e protagonista de muitas ações sociais e culturais relevantes, bem como na luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres e pela extinção da opressão do seu ser.

## 4. REPRESENTAÇÃO, RECEPÇÃO E AUDIÊNCIAS

Este capítulo tratará sobre assuntos referentes aos conceitos de representação, recepção, assim como de audiência, que, no caso desta pesquisa, estará aplicada à série *House of Cards* (Netflix), bem como no espaço onde serão feitas as análises (Facebook).

O item 4.1 abordará os conceitos de representação aplicados à mídia e no que se refere às narrativas apresentadas ao público. Já o subcapítulo 4.2, apresentará os processos de recepção proferidos pelas audiências e pelos fãs.

### 4.1 As Representações Identitárias no Contexto Midiático

A concepção do verbo “representar” engloba diversos significados quanto à sua aplicação. Freire Filho (2005), discorre sobre o histórico referente ao uso desse verbo que, no passado, possuía um sentido limitado, voltado para a ideia de repetição, isto é, de “apresentar algo novamente”. Com o advento da modernidade, o emprego dessa expressão também passou a significar a possibilidade de substituição, de estar no lugar de algo ou de “fazer às vezes de”. Já na percepção das democracias contemporâneas, a compreensão de representação remete também às eleições, por meio das atribuições de poderes cedidas por eleitores a um grupo de indivíduos, que têm o papel de desenvolver e interceder seus interesses, ou seja, representá-los. Além disso, no âmbito comunicacional e cultural, “representar” também designa o uso de alguns sistemas significantes, tais como textos, imagens e sons, que exercem as funções de “falar por” ou “falar sobre”.

Para Hall (2016), o uso da representação por meio da linguagem tem um forte impacto na cultura social, visto que, a partir dessas perspectivas, é possível expressar algo ou então transmiti-lo a outros indivíduos. Nesse sentido, a representação é um componente fundamental do processo de produção e compartilhamento entre integrantes de uma mesma cultura. Através dessa relação entre representação e linguagem, o autor aborda três enfoques que demonstram o funcionamento entre esses campos: abordagem reflexiva, abordagem intencional e abordagem construtivista.

A abordagem reflexiva envolve o sentido como parte do objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real e, por sua vez, a linguagem atua como um reflexo

que provoca a representação do sentido legítimo já existente no contexto. Diferente desse conceito, a abordagem intencional “defende que é o interlocutor, o autor, quem impõe seu único sentido no mundo, pela linguagem.” (HALL, 2016, p.48). Ou seja, de forma límpida, as palavras reproduzem aquilo que o autor deseja que signifiquem. Já a abordagem construtivista, identifica o atributo público e social da linguagem:

Ela atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. As coisas não *significam*: nós *construímos* sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos. (...) nós não devemos confundir o mundo *material*, onde as coisas existem, com as práticas e processos *simbólicos* pelos quais representação, sentido e linguagem operam. Construtivistas não negam a existência do mundo material. No entanto, não é ele que transmite sentido, mas sim o sistema de linguagem, ou qualquer outro que usemos para representar nossos conceitos. (HALL, 2016, p. 48).

Além disso, Hall (2016, p. 53) sustenta que a “representação é a produção do sentido pela linguagem”. Portanto, no que diz respeito ao sentido, este é gerado no interior da linguagem e por outros diversos sistemas representacionais, além de ser produzido pela prática, por meio do trabalho e através da representação. Assim, o sentido é constituído pela ação significante, ou seja, pela prática que fornece sentido.

Já a representação aplicada ao contexto dos espaços midiáticos e que estão presentes nos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, que é um dos meios mais difundidos, composta por conteúdos de diversos segmentos e externada por meio de imagens, sons e textos, tem papel fundamental quando tratamos da reprodução do real, da construção do sentido e, até mesmo, da formação da opinião pública e da construção das identidades dos indivíduos. Com o advento dos meios digitais, atualmente, também é possível acompanhar os conteúdos transmitidos pela televisão, através do computador ou de outro aparelho qualquer com conexão à internet, ou então pelos serviços de plataformas digitais de *streaming*, como é o caso da Netflix, responsável pela produção e transmissão de *House of Cards*.

Freire Filho (2005) expõe que, na área específica dos estudos midiáticos, há um interesse progressivo em relação aos processos de produção, veiculação, consumo e contestação das minorias, que o próprio autor descreve como “conceito usado, aqui, para abarcar todo grupo social cujas perspectivas e vozes são marginalizadas pelas estruturas de poder e pelos sistemas de significação

dominantes numa sociedade ou cultura.” (EDGAR & SEDGWICK, 2003, p. 213-214, apud FREIRE FILHO, 2005, p.2). Desta forma, ao analisar as produções midiáticas e o conceito de “minoría”, é importante ressaltar que a expressão, nesse contexto, não se trata do entendimento numérico da palavra, mas sim dos valores concedidos a um grupo oprimido pertencente à perspectiva social predominante.

Nesse sentido, áreas teóricas de referência no assunto e ferramentas de análise, como estudos culturais, economia política, sociologia, entre outras, indicam as abordagens, já definidas ou ainda em construção, da maneira com que as representações de mulheres, pobres, negros, homossexuais, entre outros grupos menosprezados, são produzidas, organizadas e exibidas ao público, por meio dos mecanismos culturais da mídia e do consumo:

O foco nas representações midiáticas nos permite avaliar, entre outros tópicos relevantes, de que maneiras gêneros e artefatos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do status quo e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras. (FREIRE FILHO, 2005, p. 2).

Assim, a agenda dos estudos culturais midiáticos tem presente a crítica da representação deturpada dessas identidades sociais. Justamente, por meio dessa análise, os movimentos sociais, compostos por essas identidades, pautam suas reivindicações para que a questão da identidade seja apresentada de forma factual, considerando as formas com que são produzidas, geram significações e que também são questionadas. Freire Filho (2005), aponta para a chamada política da identidade e a forma com que ela se caracteriza pela certificação e preservação da particularidade cultural dos grupos oprimidos. Os ativistas desses grupos expandem o sentido político para fora das linhas convencionais e legitimam a natureza estratégica da representação nos diferentes âmbitos e organizações culturais, tais como materiais didáticos, currículos escolares e veículos de comunicação de massa, que influenciam a maneira como vemos e como somos vistos e tratados pelos demais.

Todo esse contexto foi crucial para o entendimento da importância da cultura da mídia na formação e no reconhecimento de ser isso ou ser aquilo, ser imoral ou moral, ou seja, ser e possui referenciais significativos para a condução da vida em sociedade. Referente ao processo social da constituição do sentido, o autor explana:

(...) as representações são organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar. Logo, a construção (ou supressão) de significados, identificações, prazeres e conhecimentos – nos espaços e mercados midiáticos – envolve, necessariamente, a disputa pela hegemonia entre grupos sociais dominantes e subordinados, com consequências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública. (FREIRE FILHO, 2005, p. 4).

Por meio de filmes, ficções seriadas e outras produções midiáticas, a indústria cultural concede aos indivíduos definições textuais e visuais do que é conveniente quando se refere à conduta moral, postura política, aparência física e comportamental, assim como relacionamentos afetivos. Esses modelos e recursos simbólicos, propostos pela indústria cultural, são bases para que os públicos possam construir o senso do que representa ser moderno, civilizado, vitorioso, entre outros atributos impostos no contexto social. A análise que os indivíduos fazem de si mesmo e dos demais, através dos referenciais midiáticos, interfere significativamente em suas identidades (FREIRE FILHO, 2005).

Ao tratar da análise das representações da mulher na mídia, Freire Filho (2005) retoma o contexto histórico da inserção desse público e descreve que os valores sociais dominantes desvalorizam simbolicamente a mulher, seja por representá-las em situações ou funções socialmente desprezadas, ou então por não representá-las. Com isso, surgem nos campos públicos e acadêmicos, as discussões sobre a veiculação desfavorável das representações das minorias, denominada com o conceito de “estereótipo”:

(...) os estereótipos, a exemplo de outras categorias, atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social – a diferença básica, contudo, é que os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais. (FREIRE FILHO, 2005, p.7)

Além disso, o autor Freire Filho (2005) sustenta que, como práticas significantes, os estereótipos não são limitados somente a identificar categorias comuns de indivíduos. De modo geral, os estereótipos representam e manifestam tensões e conflitos sociais velados. Assim, para o autor, os estereótipos precisam ser considerados e contestados como “estratégias ideológicas de construção simbólica que visam naturalizar, universalizar e legitimar normas e convenções de conduta, identidade e valor que emanam das estruturas de dominação social

vigentes.” (FREIRE FILHO, 2005, p. 8). Por isso, as mídias de comunicação de massa são as fontes principais da disseminação e do reconhecimento dos estereótipos e que, além disso, colaboram, incisivamente, para a construção das ameaças aos valores e interesses essenciais à sociedade.

## 4.2 Os Estudos de Recepção

A partir dos conceitos de codificação/decodificação de Stuart Hall (2003), é possível compreender o envolvimento do significado por meio dos discursos. Tradicionalmente, havia a ideia que o processo de comunicação era dado de forma linear, isto é, composto por emissor, mensagem e receptor. Porém, esse modelo linear sofreu diversas críticas que reconheciam o processo comunicacional como um circuito, ou seja, era visto como “uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução (HALL, 2003, p.87). Por meio desta visão, é possível compreender a comunicação como uma estrutura complexa dominante, sustentada por meio da articulação de práticas conectadas. Desta forma, o circuito é constituído de forma contínua: produção – distribuição – produção:

O processo, desta maneira, requer, do lado da produção, seus instrumentos materiais — seus "meios" — bem como seus próprios conjuntos de relações sociais (de produção) — a organização e combinação de práticas dentro dos aparatos de comunicação. Mas é sob a forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido — transformado de novo — em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum "sentido" e apreendido, não pode haver "consumo" (HALL, 2003, p.388).

Assim, para o sentido ter efeito, ele precisa ser articulado em prática. Por isso, os processos de codificação e decodificação de mensagens são momentos determinados, mesmo que, muitas vezes, aparentam ser autônomos entre si no que se refere ao restante do processo comunicacional. Para tanto, os momentos presentes nessa articulação são necessários ao circuito como um todo, pois, segundo Hall (2003, p.388), “nenhum momento consegue garantir inteiramente o próximo, com o qual está articulado.”. Na perspectiva do autor, a produção seria o que constrói a mensagem:

A produção, nesse caso, constrói a mensagem. Em um sentido, então, o circuito começa aqui. É claro que o processo de produção não é isento de

seu aspecto “discursivo”: ele também se constitui dentro de um referencial de sentidos e ideias: conhecimento útil sobre rotinas de produção, habilidades, técnicas historicamente definidas, ideologias profissionais, conhecimento institucional, definições e pressupostos, suposições sobre a audiência e assim por diante delimitam a constituição do programa através de tal estrutura de produção. (HALL, 2003, p.389).

Para ilustrar essas concepções, Hall (2003) traz o processo comunicativo da televisão, visto que não se trata de um sistema fechado, uma vez que a audiência pode ser, simultaneamente, fonte e receptor da mensagem. A circulação e a recepção são condições do processo de produção televisiva, já que são estruturados neste processo. Já a produção e a recepção da mensagem televisiva não são idênticas, mas estão extremamente relacionadas. Conforme Hall (2003, p. 390):

Antes que essa mensagem possa ter um “efeito” (qualquer que seja a sua definição), satisfaça uma “necessidade” ou tenha um “uso”, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que “tem um efeito”, influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas. Em um momento “determinado”, a estrutura emprega um código e produz uma “mensagem”; em outro momento, determinado, a “mensagem” desemboca na estrutura das práticas sociais pela via de sua decodificação.

Nesse sentido, a recepção tem como finalidade decodificar os discursos e produzir significados. Contudo, os códigos de codificação e decodificação podem não ser, necessariamente, simétricos, visto que a compreensão e má compreensão das mensagens no processo comunicacional dependem das relações de equivalência (simetria/assimetria), que são determinadas a partir das posições de personificações dadas entre codificador-produtor e decodificador-receptor (HALL, 2003). É por meio da ausência de relações de equivalência entre os códigos da fonte e do receptor que surgem as chamadas “distorções” ou “mal-entendidos”. Diversos códigos aparentam não terem sido construídos, mas sim originados de modo natural, pois produzem reconhecimentos universais em determinadas culturas que são capazes de ocultar a existência de práticas de codificação.

Hall (2003) também apresenta o conceito de “percepção seletiva” da audiência, que consiste em uma crítica referente a correspondência do processo de codificação e decodificação, já que a codificação pode selecionar, mas não pode prescrever ou garantir a decodificação, uma vez que ela possui suas

próprias condições de existência. De qualquer forma, o processo comunicacional de codificação e decodificação possui algum grau de reciprocidade, caso contrário, não seria possível afirmar a existência das trocas comunicativas. Entretanto, a correspondência não é atribuída, mas sim construída. Conforme explana Hall (2003, p.399):

Não é “natural”, mas produto de uma articulação entre dois momentos distintos. E a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados. De outro modo, a comunicação seria um circuito perfeitamente equivalente e cada mensagem seria uma instância de “comunicação perfeitamente transparente”. Portanto, devemos pensar nas várias articulações em que a codificação/decodificação podem ser combinadas.

Com base nisso, Hall (2003) apresenta uma análise hipotética, a partir de três posições de decodificação por parte da audiência, que ilustra a ideia da não correspondência nesse processo. Estas categorias teóricas serão utilizadas na análise para sistematizar a posição da audiência sobre o posicionamento da organização. A primeira posição, denominada “posição hegemônica-dominante”, é tomada quando a audiência se apropria, de forma direta e integral, do conteúdo apresentado e decodifica a mensagem conforme o código referencial no qual ela foi codificada, ou seja, o público está operando dentro do código dominante.

Já a segunda posição, chamada de “código negociado”, é aplicada quando a audiência apresenta elementos de adaptação e oposição, onde reconhece a legitimidade das definições hegemônicas da codificação, mas, em um nível localizado, faz suas próprias regras.

Por fim, a última posição, apresentada como “código de oposição”, consiste na audiência que decodifica a mensagem de uma maneira contrária, pois contesta as mensagens recebidas pelo código preferencial. Da mesma forma que acontece com a recepção, compreende-se que a produção também pode ser opositiva ao que é hegemônico até então, como é o caso da retomada de *House of Cards*.

No que se refere aos estudos de recepção nas relações de gênero, Tomazetti e Coruja (2017) realizam uma análise sobre as pesquisas brasileiras voltadas para o assunto, especificamente para a relação da recepção com a identidade de gênero feminino, e fazem uma retrospectiva dos trabalhos nas últimas décadas e como, especificamente nos últimos anos, esse campo criou destaque nas pesquisas de comunicação. A partir disso, as autoras analisam o quanto esses trabalhos mostram, em seus resultados, informações relevantes em

relação às problemáticas de gênero no campo da comunicação e o quão importantes são para compreender a realidade do público feminino e as relações que elas possuem com os meios de comunicação. Além disso, as autoras também condensam a importância dessas análises para os espaços de empoderamento e autorreflexão da audiência feminina, frente às produções voltadas para o gênero.

Por sua vez, Escosteguy (2008), também traz um apanhado sobre as identidades de gênero nos estudos brasileiros de recepção, onde a crítica é baseada no esforço de demonstrar que os estudos de recepção podem estar relacionados à problemática das identidades, visto que a perspectiva de investigação enfoca, basicamente, as experiências do público. Conforme Escosteguy (2008, p. 35-36):

Enfim, todos os relatos apresentados revelam que a pesquisa de recepção não apenas trata da relação dos receptores com os meios de comunicação, mas ao permitir que esses mesmos receptores falem, eles vão construindo uma percepção de si mesmos, ou seja, sua identidade. Na verdade, essas narrativas constituem as identidades culturais que dizem respeito ao nosso pertencimento a distintas culturas étnicas, raciais, religiosas, de sexo, de idade, de gênero, de classe, entre outras, e são definidas historicamente e não, biologicamente. Entendidas dessa forma, as identidades são abordadas numa perspectiva antiessencialista do sujeito, pois não são objetos a serem descobertos, mas construções moldadas no discurso e, portanto, “são construídas dentro e não fora do discurso.

Desta forma, a experiência da recepção se modifica conforme gênero, classe social, idade, cultura, identidade e história do indivíduo que compõe a audiência. Jacks, Menezes e Piedras (2008) sustentam que a recepção se respalda em conjunto com as práticas cotidianas do sujeito, por meio de outros significados presentes no repertório do receptor, que foram concedidas na família, escola, religião ou em outros grupos sociais frequentados por ele. Logo, é possível compreender que o processo de recepção não ocorre apenas no momento da interação com o meio de comunicação, mas muito antes disso.

Por isso, ao analisarmos o processo de recepção, é preciso compreender que, mais do que receptor, audiência, público ou espectador, estamos tratando das interações, reações e envolvimento dos receptores que, muitas vezes, apresentam características de fãs, comentaristas, seguidores e etc. Nesse contexto, os receptores não são indiferentes aos meios, mas produtores da resignificação de sentidos dos produtos midiáticos. Assim, o fã é o receptor que

se envolve emocionalmente com o produto midiático e passa a criar laços intensos com ele.

A partir do que Jenkins (2009) difundiu como “Cultura da Convergência, é possível entender que as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais são convertidas em relações existentes entre tecnologias, mercados, gêneros e públicos. Em razão disso, mais do que questões de desenvolvimento e avanços tecnológicos, a Cultura da Convergência tem relação com os conteúdos disseminados por meio de diferentes plataformas de mídia, com a colaboração entre diversos mercados midiáticos e com o comportamento migratório dos públicos entre os meios de comunicação.

Sob essa perspectiva, na convergência, o fã encontra a oportunidade de realizar a ressignificação, além de produzir conteúdo e discussões para transmiti-los aos outros admiradores da produção midiática em questão. Essa visão do fã como produtor de conteúdo, é apresentada por Orozco Gomez (2011) como “trânsito das audiências”. A participação, nesse caso, ocasiona um contexto novo ao tratarmos do cenário comunicacional, uma vez que audiências/receptores se tornam responsáveis pela reinterpretação das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação massivos. Assim, esse público passa a ser encarregado de participar efetivamente dos conteúdos que consome.

Para Orozco Gomez (2011), esse conceito possui um significado impactante quando falamos de mudanças sociais contemporâneas, já que os consumidores passam a ser produtores. De modo geral, esse novo tipo de audiência consumidor/produtor não precisa, necessariamente, desenvolver uma conduta crítica e reflexiva. A transição, nesse contexto, significa a mudança no trânsito das audiências receptoras e espectadoras (que não são necessariamente passivas) para audiências produtoras (sem a necessidade de ser criativas). Ao analisarmos o processo de trânsito das audiências aplicado aos receptores de *House of Cards*, é possível compreender que os mesmos se tornam emissores e produtores ao modo em que descrevem suas percepções nas publicações na página do Facebook da série.

## 5. PERCEPÇÕES DA AUDIÊNCIA

A partir do contexto descrito, esse capítulo abrangerá uma breve discussão teórica referente às técnicas de pesquisa utilizadas, bem como sobre o processo da coleta de dados elaborado para obter os objetivos propostos do trabalho. Em um segundo momento, serão apresentados os dados obtidos e, em seguida, a discussão desses de acordo com o embasamento teórico exposto.

O item 5.1 busca apresentar as metodologias utilizadas para a pesquisa, assim como o recorte do objeto de análise. Por sua vez, o item 5.2, exhibe as dimensões de conteúdos presentes nas percepções, principalmente pela perspectiva de debates identitários. Já o item 5.3, retrata os processos de decodificação dos receptores acerca dos conteúdos da *fanpage* da série. Por fim, o item 5.4 traz os resultados gerais da pesquisa, a fim de responder ao seu problema e cumprir com os objetivos propostos.

### 5.1 Técnicas de pesquisa e coletas de dados

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as diferentes camadas de percepção dos públicos a partir dos conteúdos propostos pela organização (Netflix/*House of Cards*) em sua *fanpage*, no Facebook. Como tentativa de alcançá-lo, foram estabelecidas algumas dimensões de análise: os fatores envolvidos no cancelamento e a após a retomada da série, o posicionamento da organização na retomada e as diferentes formas e camadas de percepção do público.

Para o alcance do objetivo geral, foi estabelecido um procedimento metodológico com base entre métodos qualitativos e quantitativos a partir das técnicas observação não participante, pesquisa documental, e análise de conteúdo, todas aplicadas a partir da verificação dos posts feitos na página de *House of Cards*, na rede social Facebook. A partir de um recorte quantitativo, foi efetivada uma análise qualitativa dos dados.

A técnica de observação não participante, durante a execução desta pesquisa, consistiu no processo realizado pela pesquisadora em se inserir no grupo foco, no caso, acompanhar a *fanpage* da série no Facebook. Para Peruzzo (2005), na área da comunicação, o método tem sido utilizado para analisar os

fenômenos comunicacionais, principalmente os que são referentes aos processos de recepção de mensagem em meios massivos.

A fim de identificar os modos de recepção das audiências de *House of Cards* no Facebook, foi realizada a técnica de análise de conteúdo por meio da seleção de 6 posts, publicados pela organização. Segundo Bardin (1977), o método de análise de conteúdo por ser definido como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Além disso, para que o procedimento de análise de conteúdo fosse executado, foi preciso efetuar a pré-análise que, no caso desta pesquisa, foi caracterizado pelo conceito de leitura flutuante (BARDIN, 1977). Esse processo prévio consiste no contato com os documentos, a fim de analisar o material e permitir impressões e orientações acerca do mesmo. Para a pesquisa, este método foi utilizado a partir da definição dos comentários e respostas de comentários que foram considerados para as análises. Bardin (1977, p. 96) exemplifica: “a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos.”.

Para que se possa analisar de maneira precisa todo o material coletado, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos. Richardson (2015) define o método quantitativo como um processo que tem, como emprego, a quantificação nas modalidades de coleta de informações, bem como no tratamento destas coletas através de técnicas estatísticas. Assim, o procedimento quantitativo busca garantir a precisão de resultados, a fim de evitar distorções de análise e interpretações. Por sua vez, o método qualitativo “difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.”. (RICHARDSON, 2015, p. 79). Visto isto, para a execução da pesquisa, foram utilizadas quantificações para o recorte do material a ser analisado qualitativamente, a partir da análise de quantidades de reações, comentários e respostas de comentários, para, posteriormente, utilizar técnicas

qualitativas, efetivadas por meio da análise dos conteúdos publicados pela organização e pelas audiências.

A pré-análise deste trabalho, momento de escolha das publicações feitas, compreendeu os meses entre março e agosto de 2018, iniciando pelo primeiro post na página em 4 de março, após meses de recesso de conteúdos e indicando uma possível retomada da série, e finalizando pela publicação do dia 7 de agosto, que informa a data de lançamento da sexta e última temporada da produção. Todos os seis posts estão ilustrados no capítulo 2. A escolha das publicações se deu justamente por iniciar com o primeiro conteúdo divulgado na página após a decisão da retomada da série e finalizar com a publicação oficial de estreia da nova temporada. Publicações posteriores ao dia 7 de agosto não fazem parte do corpus da pesquisa por questões de prazo e viabilidade das análises.

A tabela a seguir, mostra os títulos das publicações, bem como data de publicações e quantidade de reações<sup>11</sup> e comentários que serão utilizados como base para o recorte dos comentários a serem analisados nesta pesquisa:

**Tabela 1 - Publicações analisadas e seus respectivos números**

DADOS	POST 1 – TROCA DO AVATAR	POST 2 – TROCA DA CAPA "QUERER É PODER"	POST 3 – TEASER "ISTO É SÓ O COMEÇO"	POST 4 – "MINHA VEZ"	POST 5 – "FELIZ DIA DA INDEPENDÊNCIA"	POST 6 – LANÇAMENTO DA 6ª TEMPORADA
DATA	04/03/2018	04/03/2018	05/03/2018	11/06/2018	04/07/2018	07/08/2018
TOTAL DE REAÇÕES	4,4 mil	4,5 mil	16 mil	7,6 mil	10 mil	13 mil
1. "curtir"	3,5 mil	3,6 mil	10 mil	5,4 mil	6,4 mil	9,2 mil
2. "amei"	486	611	4,1 mil	1,6 mil	3 mil	3,5 mil
3. "haha"	11	15	55	21	96	28
4. "uau"	286	335	1,7 mil	459	866	972
5. "triste"	24	4	119	33	20	85
6. "Grr"	13	11	77	40	32	39
COMENTÁRIOS	162	207	3,1 mil	413	1,6 mil	1,4 mil

Fonte: elaboração da autora

<sup>11</sup> Formas em que a plataforma do Facebook proporciona ao usuário para manifestar seu sentimento quanto a publicação em questão.

## 5.2 As dimensões de conteúdos presentes nas percepções

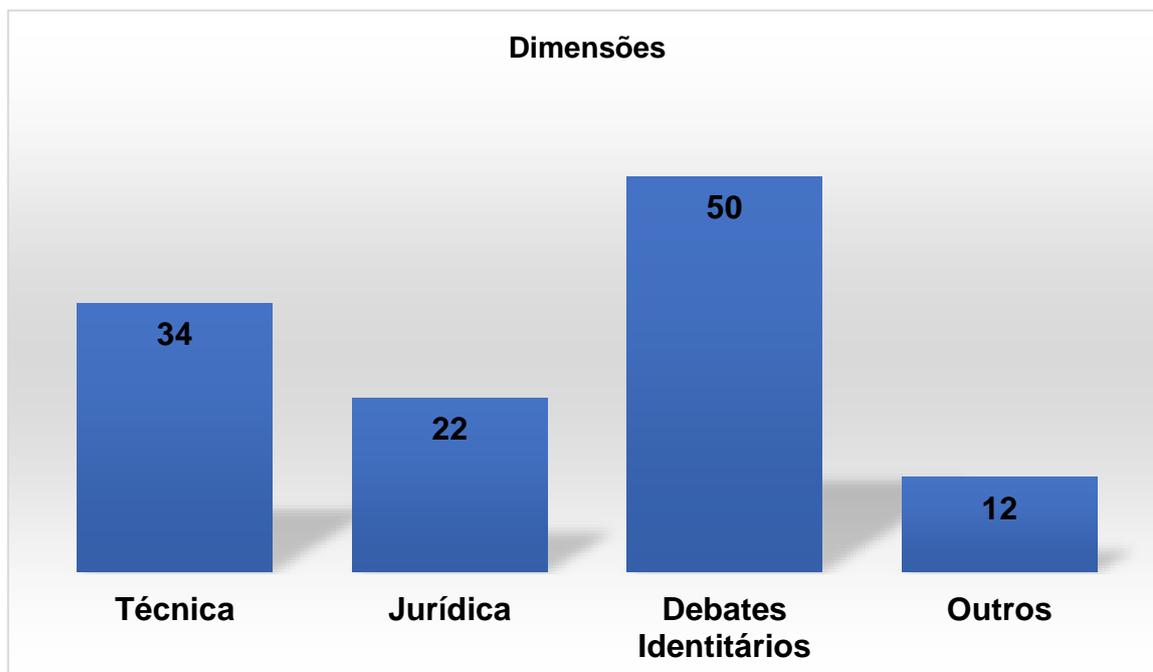
O total das 6 publicações feitas na página, resultou em 6.882 comentários e repostas de comentários, que foram mapeados e analisados a partir de leituras flutuantes, até a data de 28 de outubro de 2018, para a primeira fase da pesquisa. Após esse processo, para a seleção do corpus, 102 comentários foram selecionados a partir do critério estabelecido pela autora, que considerava comentários e respostas de comentários com volume maior de conteúdo, visto que muitas das manifestações se tratam de marcações feitas de um usuário para outro. Desta forma, podemos afirmar que a coleta de dados foi feita por meio do conceito de amostragem por julgamento, que consiste em elementos com características estabelecidas pelas hipóteses do pesquisador, conforme Richardson (2015).

A partir desses 102 comentários e respostas de comentários coletados, percebeu-se a presença relevante de três dimensões de conteúdo, as quais são aqui denominadas como: dimensão técnica, dimensão jurídica e dimensão de debates identitários. A dimensão técnica envolve as manifestações do público que avaliam a qualidade do ator Kevin Spacey (Frank Underwood) e o impacto negativo para a narrativa da série com a sua ausência, bem como enaltece a presença da atriz Robin Wright (Claire Underwood) como personagem central da trama. Por sua vez, a dimensão jurídica compreende as manifestações do público acerca do contexto dado que levou o afastamento do ator, por conta do envolvimento em casos de abuso e assédio sexual e as questões legais implicadas no contexto. Já a dimensão de debates identitários, abrange as manifestações positivas e negativas do público sobre identidade de gênero, feminismo, empoderamento feminino e todas as questões que envolvem as discussões.

Portanto, os 102 comentários e respostas de comentários, foram categorizados nas dimensões estabelecidas. Também foi preciso criar a dimensão “Outros”, a fim de segmentar manifestações ambíguas e que não explicitavam sentimento relacionado às outras três dimensões (técnica, jurídica e de debates identitários) ou, ainda, que traziam gírias da internet e opiniões com posicionamentos políticos. Além disso, para fins de análise, os números exibidos no gráfico abaixo consideram a quantidade de vezes em que uma dimensão é

citada, independente se for em um único comentário/resposta de comentário ou em diferentes.

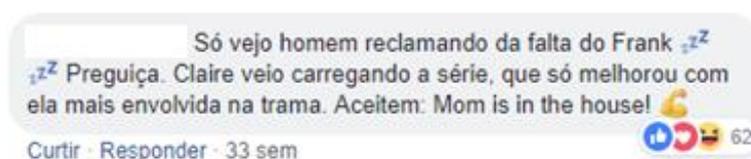
**Gráfico 1 – Dimensões: Técnica, Jurídica, Debates Identitários e Outros**



Fonte: elaboração da autora

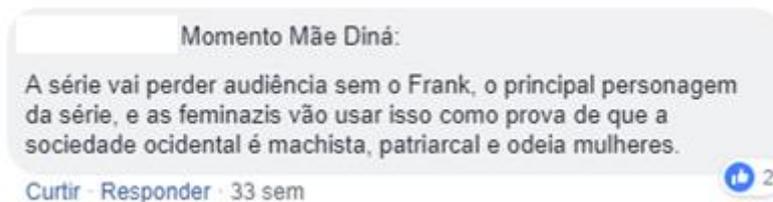
De um modo geral, é possível observar que, no universo analisado, a dimensão que diz respeito à debates identitários aparece 50 vezes nas manifestações, liderando, de modo significativo, este conteúdo em comparação às demais dimensões. Os exemplos a seguir ilustram diferentes perspectivas acerca das dimensões de debates identitários:

**Figura 13 – Printscreen de comentário positivo da dimensão debates identitários**



Fonte: Facebook.com

**Figura 14** - *Printscreen* de comentário negativo da dimensão debates identitários



Fonte: Facebook.com

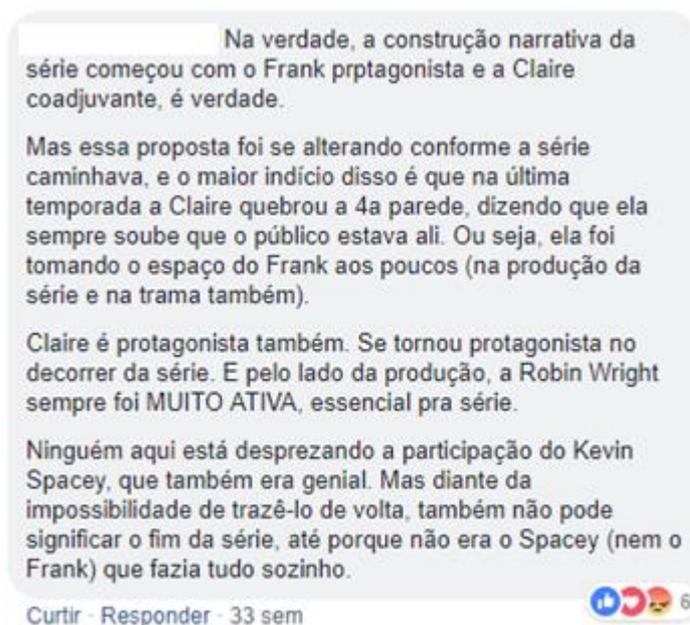
Em seguida, a dimensão técnica, que se refere ao desempenho dos atores na trama, aparece 34 vezes nos comentários/respostas de comentários analisados. A seguir, são apresentados exemplos de comentários negativos e positivos quanto à dimensão técnica da série e dos atores:

**Figura 15** - *Printscreen* de comentário negativo da dimensão técnica



Fonte: Facebook.com

**Figura 16** - *Printscreen* de comentário positivo da dimensão técnica



Fonte: Facebook.com

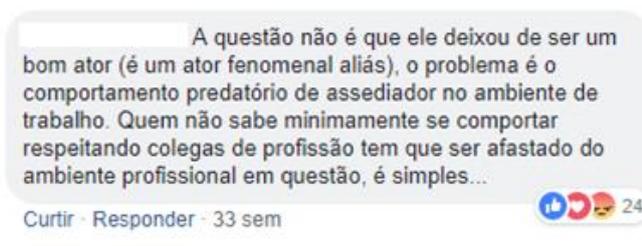
Já a dimensão jurídica, que envolve a crise em que a série passou, por conta dos escândalos causados por Kevin Spacey, e após a decisão de retomada sem o ator, é identificada 22 vezes nos comentários/respostas de comentários analisados, conforme demonstram os exemplos a seguir, acerca da perspectiva negativa e positiva à dimensão jurídica:

**Figura 17** - *Printscreen* de comentário negativo da dimensão jurídica



Fonte: Facebook.com

**Figura 18 - *Printscreen* de comentário positivo da dimensão jurídica**



Fonte: Facebook.com

A dimensão “Outros” foi criada devido alguns comentários/respostas de comentários não se enquadrarem às dimensões estabelecidas. Assim, 12 comentários traziam manifestações ambíguas por parte do público, impossibilitando o emprego nas dimensões identificadas, conforme exemplo abaixo:

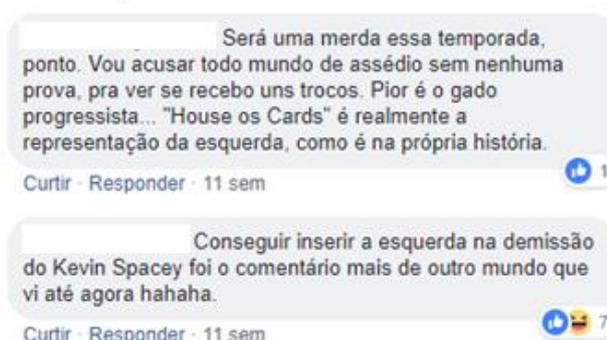
**Figura 19 - *Printscreen* de comentário com conteúdo sem relação às dimensões**



Fonte: Facebook.com

Além disso, outros comentários também traziam assuntos variados e que não são cruciais para o objetivo da pesquisa, como mostra o exemplo abaixo, envolvendo posições políticas:

**Figura 20 - *Printscreen* de comentário com conteúdo envolvendo outras questões que não fazem parte da pesquisa**



Fonte: Facebook.com

Desta forma, os conteúdos que envolvem as dimensões apresentadas acima, ilustram as concepções de Baldissera (2009) acerca da perspectiva da complexidade, uma vez que a fanpage de *House of Cards* contempla os processos comunicacionais de organização comunicante, já que fomenta, em suas postagens, conteúdos que levam a um envolvimento intenso do público. Justamente por esse cenário, também abrange, em seus processos de comunicação, a organização comunicante, pois cede espaço ao público para que possa se manifestar, apoiar a série e todo o seu contexto e, até mesmo, criticar, reclamar e expressar opiniões negativas a respeito do desenrolar da produção.

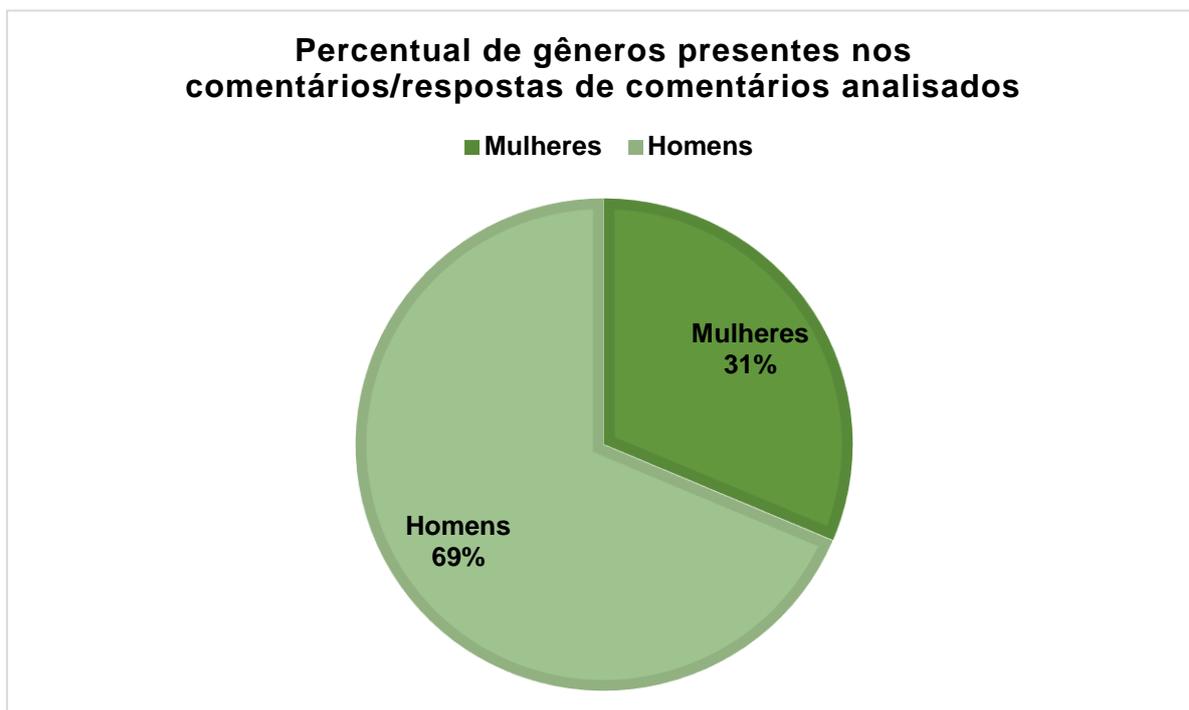
No entanto, todos os tipos de manifestação do público, sejam eles positivos ou negativos em relação aos materiais divulgados pela produção da série no ambiente do Facebook, demonstram a presença das conversações em rede, conforme conceito apresentado por Recuero (2012). Os comentários e respostas de comentários são narrativas publicizadas e construídas pelo público, de forma em que são construídos fenômenos culturais e debates oportunos para a criação e interpretação das relações entre um grupo e seus indivíduos, conforme ilustrado nos comentários acima. Assim, é possível perceber que a conversação em rede ocorre no mesmo espaço, sob o mesmo contexto, e com um público que se relaciona de alguma forma com ele, porém que também demonstra opiniões distintas sobre o mesmo cenário.

### *5.2.1 A dimensão debates identitários na perspectiva da audiência feminina*

Como apontado pela classificação das dimensões, as reações e manifestações do público em relação aos debates identitários são predominantes quando comparadas às demais dimensões. Em razão disso, é importante ressaltar que dos 102 comentários/respostas de comentários analisados, somente 32 eram feitos por mulheres<sup>12</sup>, conforme ilustra o gráfico a seguir:

---

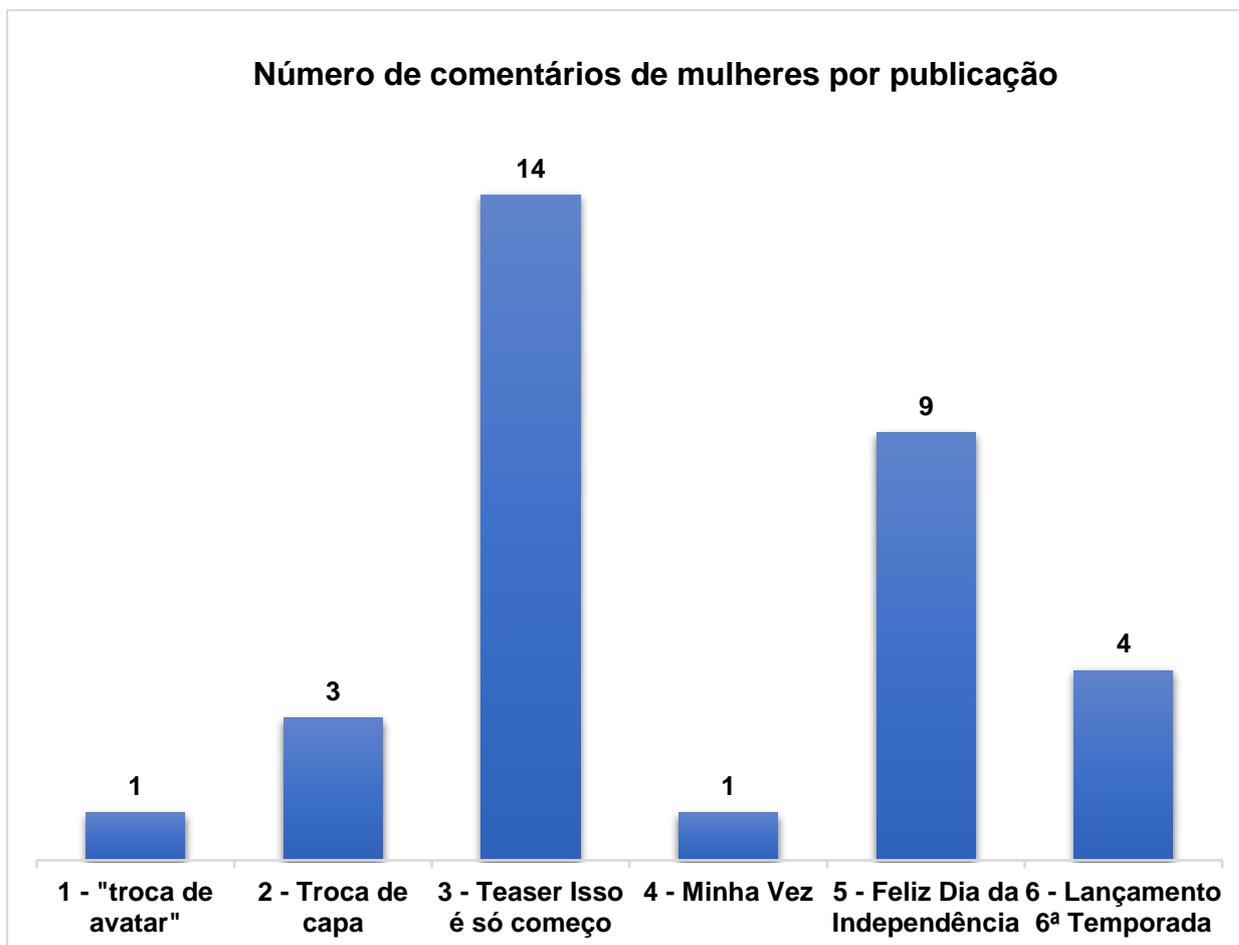
<sup>12</sup> Para fins de análise, foram categorizados, como mulheres, perfis de usuários do Facebook que continham nomes femininos.

**Gráfico 2 - Percentual de gêneros presentes nas publicações analisadas**

Fonte: elaboração da autora

Entre os posts analisados, o que mais recebeu comentários e respostas de comentários realizados por mulheres, foi a publicação 3, que apresentava o *teaser* da série com o título “Isto é só o começo”. Proporcionalmente, entre as seis publicações, conforme mostra a Tabela 1, o post 3 foi o que também teve mais reações (16 mil) e comentários (3,1 mil). O gráfico a seguir, ilustra a quantidade de comentários/respostas de comentários, feitos por mulheres, que estão no universo analisado entre as seis publicações.

**Gráfico 3 - Número de comentários realizados por mulheres nas publicações**



Fonte: elaboração da autora

É possível que o post 3 tenha tido mais visibilidade e movimentação por parte do público, por se tratar do primeiro material divulgado que evidencia a ascensão da personagem Claire como única protagonista na série, em sua temporada final. Durante toda a produção, desde a sua primeira temporada, esta é a primeira vez em que a personagem está em primeiro plano, sem a presença de Frank Underwood.

Por meio da perspectiva de Woodward (2013) sobre identidade relacional, é possível compreender que a identidade de Claire foi construída durante a série através de parâmetros estabelecidos pela identidade de Frank. Ou seja, sua existência ficcional foi determinada, em um primeiro momento, para contribuir e destacar diferenças entre as funções dela e de Frank. Além disso, Woodward (2013) também aborda sobre o processo de identidade simbólica que, no caso de

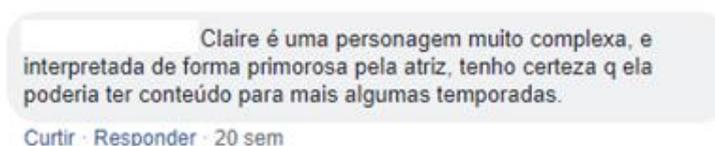
*House of Cards*, especificamente de Claire Underwood, a personagem foi instituída por meio de práticas e relações entre os personagens da trama para ser apresentada como uma espécie de extensão de Frank. Como já visto, o processo simbólico é caracterizado por práticas capazes de definir o sujeito que pode ser introduzido ou rejeitado em determinada identidade.

Nesse sentido, o conceito de identidade simbólica está muito presente no contexto da retomada de *House of Cards*. Mesmo que a produção da série direcione a identidade da personagem de Claire para outro estágio, o público ativa as práticas simbólicas e acaba por aceitar e apoiar essa nova versão da intérprete, porém, outra parte desse mesmo público passa por rejeitá-la nessa nova construção.

Assim, através da forma com que a personagem é representada na retomada da produção, é possível compreender que sua identidade, mesmo que no contexto ficcional, foi reestruturada. Portanto, pelo conceito de Silva (2013), acerca dos sistemas de representação e identificação, neste momento, Claire passou a ter novas classificações e, desta forma, foi conferida com novos valores. Para Hall (2013), todos esses novos aspectos, classificações, valores e posturas atribuídos à reviravolta da personagem, fazem com que seja necessário adotar uma nova postura de identidade na trama.

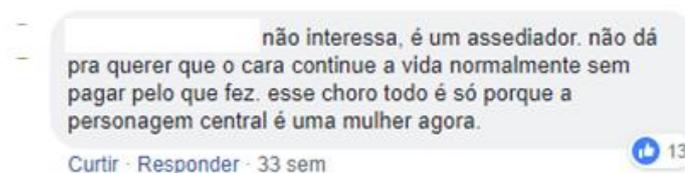
Dos 32 comentários/respostas de comentários mapeados por serem publicados por mulheres, todos foram inseridos nas dimensões técnica, jurídica e de debates identitários. Porém, é importante destacar que nenhum foi opositivo em relação a retomada da série tendo a personagem de Claire como protagonista da trama, conforme ilustram os materiais abaixo.

**Figura 21** – *Printscreen* de comentário feito por uma mulher na dimensão técnica



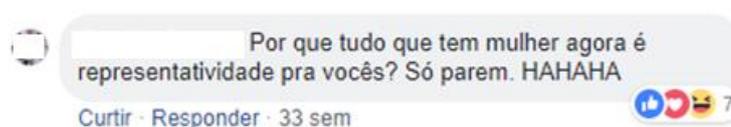
Fonte: Facebook.com

**Figura 22** - *Printscreen* de comentário feito por uma mulher na dimensão jurídica



Fonte: Facebook.com

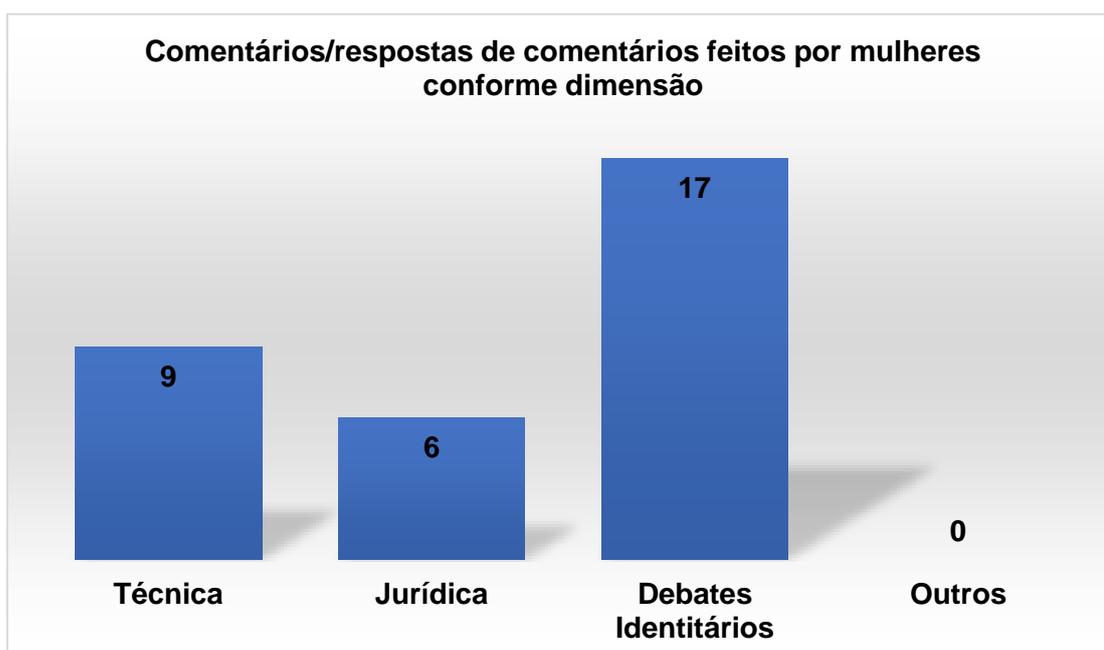
**Figura 23** - *Printscreen* de comentário feito por uma mulher na dimensão debates identitários



Fonte: Facebook.com

Da mesma forma que a análise das categorias de dimensões, que verificou o universo dos 102 comentários gerais, na relação dos 32 comentários/respostas de comentários feitos por mulheres, a maioria está presente na dimensão de debates identitários, conforme mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 4** - Comentários/respostas de comentários feitos por mulheres conforme dimensão

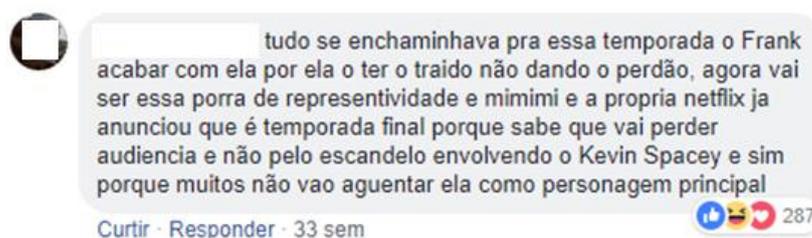


Fonte: elaboração da autora

Assim como Beavouir (1970) explana sobre a posição da mulher e do homem acerca de suas ocupações e representações sociais, além de discutir a respeito da negação da identidade da mulher como indivíduo independente ao homem, o posicionamento do público feminino nos materiais analisados da série no Facebook demonstra que, a todo momento, a mulher precisa se impor como indivíduo importante para o contexto social e, mais do que isso, nesse caso, no contexto midiático. O comentário da receptora, ilustrado na figura 21, expressa a necessidade de afirmação referente a qualidade da atriz Robin Wright enquanto mulher, bem como a relevância do seu papel no enredo da série é conveniente para uma possível continuação da trama.

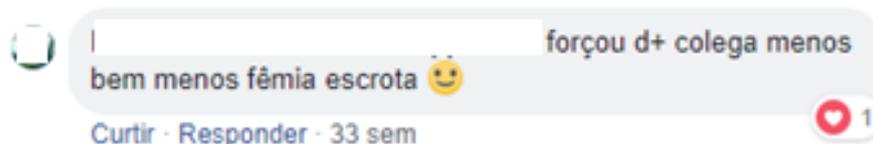
Por outro lado, ainda na dimensão de debates identitários, o público masculino se manifesta de forma positiva a ascensão da personagem de Claire na série, mas também de forma opositiva. De modo geral, essas manifestações opositivas são empregadas em decorrência do fato da série ser retomada tendo uma personagem feminina centrada no papel principal. Além disso, em discussões ocasionadas nos comentários das publicações, o receptor masculino contrário a decisão da produção da série, também ofendia receptoras femininas.

**Figura 24** - Receptor masculino contrário a ascensão de Claire



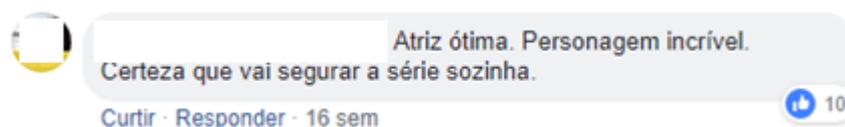
Fonte: Facebook.com

**Figura 25** - Receptor masculino contrário a opinião de uma receptora feminina



Fonte: Facebook.com

**Figura 26** - Receptor masculino apoiando a retomada da série com Claire



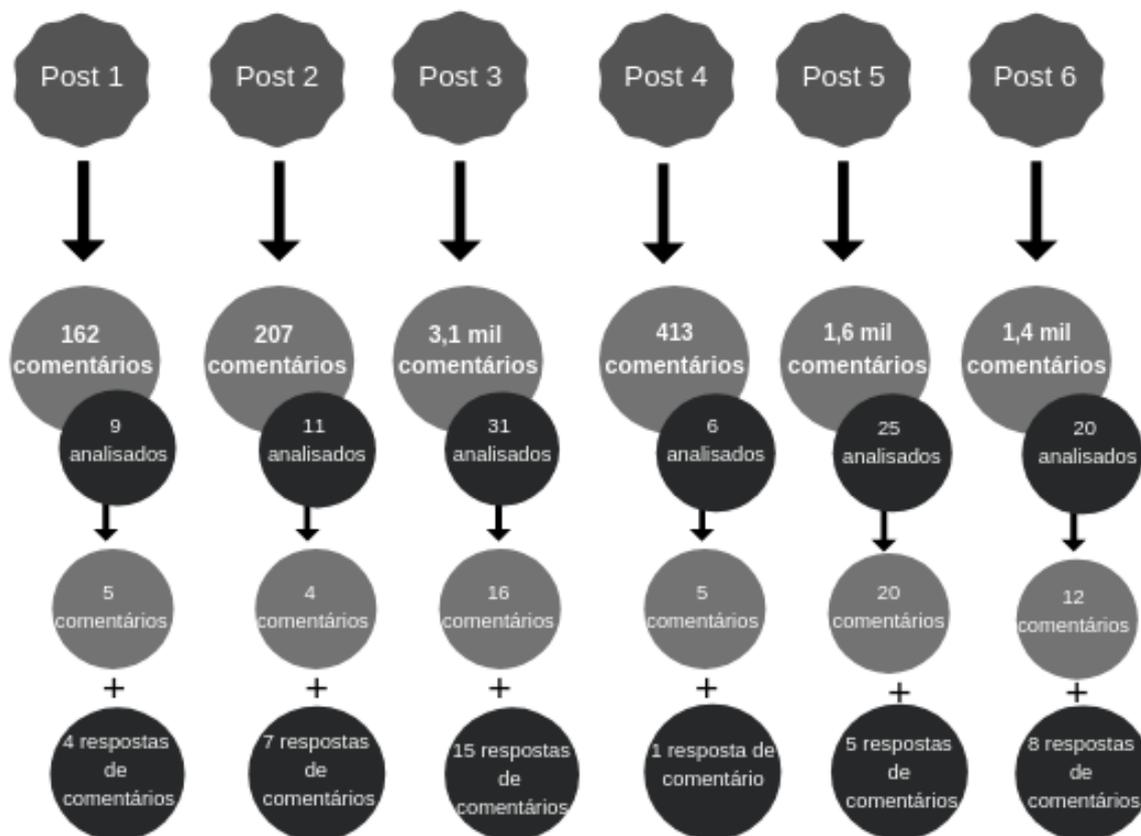
Fonte: Facebook.com

Nesse contexto, *House of Cards* possui a função de instituição, capaz de construir relações sociais, de gênero e de poder, conforme explana Viegas (2010). No entanto, o público presente nos comentários de suas publicações demonstra ideais desiguais acerca das diferenças e legitimidades de posicionamento de gênero. A partir dos conceitos de Grossi (2000), explorados também no capítulo 3, a constituição das relações sociais entre feminino e masculino estabelecem o gênero como uma composição social que impõe os padrões comportamentais, pautados culturalmente como aceitáveis ou não às mulheres e homens. Em sociedades que revelam relações de gênero distintas, a desigualdade entre esses gêneros é exposta por diversas formas. No cenário desta pesquisa, a diferença entre as relações e a desigualdade ocasionada por isso, são mostradas nas reações do público ao se depararem com uma personagem feminina ocupando o espaço de poder que, até pouco tempo, era tomado por um homem.

### 5.3 Processos de decodificação dos receptores

Por meio da perspectiva dos processos de recepção e audiências, é possível compreender que as manifestações do público nas postagens da página de *House of Cards*, no Facebook, fazem parte do sistema de codificação e decodificação explorados por Hall (2003), conforme visto anteriormente, no capítulo 4. A partir da análise dos materiais, incluindo conteúdo dos posts, comentários e respostas de comentários, foi possível compreender a presença de significados através dos discursos do público (comentários e respostas de comentários) e também da organização (posts observados). A figura abaixo ilustra o desdobramento da análise do total de conteúdo analisado, explicitando as quantidades de comentários e respostas a comentários analisados:

**Figura 27 -** Relação de comentários e respostas de comentários por post

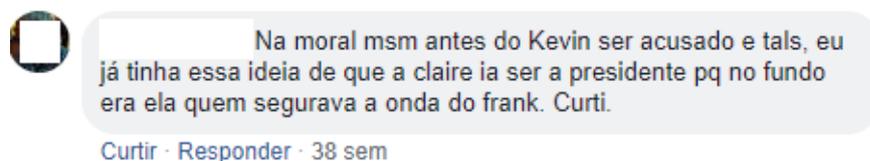


Fonte: elaboração da autora

Com isso, as reações do público evidenciam o seu papel enquanto receptor das mensagens emitidas pela organização, uma vez que estão decodificando os discursos e produzindo significados. Fundamentado nas três posições de decodificação das audiências, estabelecidos por Hall (2003), os receptores de *House of Cards* podem ser classificados nas três categorias: dominante, negociada e opositiva.

A posição de decodificação dominante é aquela em que a audiência se apropria da mensagem forma integral, ou seja, decodifica ela exatamente como esperado pela codificação. O exemplo a seguir ilustra o posicionamento de decodificação dominante de um receptor da série:

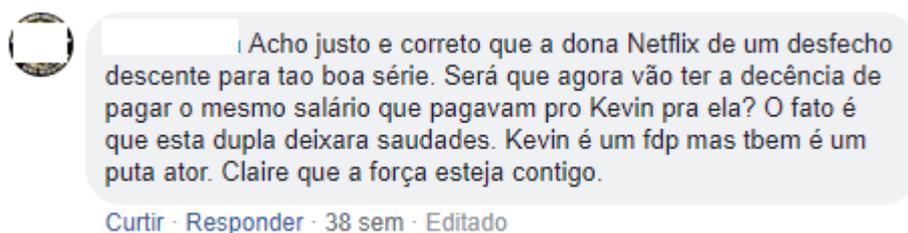
**Figura 28 - Printscreen - Decodificação de posição dominante**



Fonte: Facebook.com

A decodificação negociada ocorre quando a audiência se adapta a mensagem tal como ela foi codificada, mas, ao mesmo tempo, apresenta indícios de oposição, isto é, cria regras próprias no processo de decodificação, conforme exemplo a seguir, de um receptor da série:

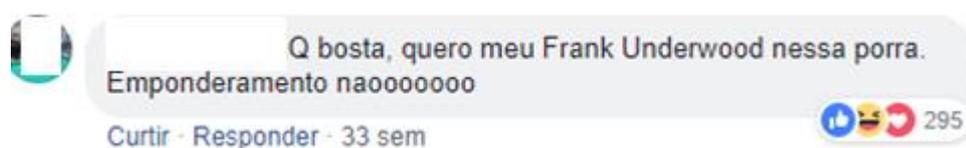
**Figura 29 - Printscreen - Decodificação de posição negociada**



Fonte: Facebook.com

Já, a decodificação opositiva acontece quando a audiência decodifica a mensagem de forma contrária a qual ela foi codificada. A imagem abaixo retrata um receptor com posicionamento opositivo ao processo codificado pela organização:

**Figura 30 - Printscreen - Decodificação de posição opositiva**



Fonte: Facebook.com

Portanto, os 102 comentários e respostas de comentários também foram categorizados nessas três posições de decodificação. Para isso, a seguir, os posts serão desdobrados um a um, conforme seu conteúdo e comentários/respostas de comentários analisados.

### 5.3.1 Post 1 – Posições de decodificações e dimensões

O post 1, publicado na página no dia 4 de março de 2018 e que continha a atualização do avatar da série, rendeu 162 comentários/respostas de comentários e destes, 9 foram analisados para fins da pesquisa. Entre os comentários, 2 foram publicados de acordo com o processo de codificação da mensagem, ou seja, reagiram como dominantes ao conteúdo proposto pela página, outros 2 foram opositivos e 1 comentário apresentou o processo de decodificação negociado. Já entre as 4 repostas de comentários feitas, 3 foram opositivas ao comentário que estavam respondendo e 1 resposta foi negociada. Quanto a posição de decodificação destas respostas de comentários referentes ao post, 2 respostas foram dominantes ao conteúdo e as demais negociadas.

Como o conteúdo proposto nesse post era somente a troca de avatar da página do Facebook de *House of Cards*, não houve envolvimento intenso no contexto das dimensões, tanto que os comentários e respostas de comentários foram classificados nas dimensões técnica, jurídica e outros. De modo geral, as discussões propostas pela audiência percorriam em torno da questão do afastamento do ator Kevin Spacey (Frank Underwood). Nesse sentido, na questão técnica, os receptores lamentavam sua ausência na produção, bem como comemoravam uma possível retomada da produção, mesmo sem o ator. Na questão jurídica, os receptores discutiam sobre o posicionamento da Netflix/*House of Cards* em retomar a série sem o ator, como também dialogavam sobre todo o processo de denúncias e acusações que levaram a demissão do ator.

Além disso, provavelmente não há discussões referentes aos debates identitários, justamente pelo conteúdo publicado pela organização não evidenciar o modo como a retomada da série seria conduzido, tendo a personagem de Claire como protagonista exclusiva. O quadro abaixo, especifica o processo e as categorizações dos conteúdos analisados:

**Quadro 1 - Análise e resultados do post 1**

Post 1						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	opositiva	técnica	Resposta 1	opositiva	dominante	outros
Comentário 2	negociado	técnica	Resposta 1	negociada	negociada	jurídica
			Resposta 2	opositiva	negociada	jurídica
			Resposta 3	opositiva	dominante	jurídica
Comentário 3	dominante	técnica	x	x	x	
Comentário 4	opositiva	técnica	x	x	x	
Comentário 5	dominante	outros	x	x	x	

Fonte: elaboração da autora

Assim, é possível verificar que o post 1 possui determinada tendência a estimular à dimensão técnica nas manifestações do público. Além disso, o modo como o processo de decodificação é feito, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, considera que audiência se mostra dominante a codificação feita pela organização.

### 5.3.2 Post 2 – Posições de decodificações e dimensões

Da mesma forma que o post 1, o post 2 também foi publicado no dia 4 de março de 2018, com a atualização da capa do Facebook, na página de *House of Cards*. Por exibir a frase “Querer é poder”, a audiência começou a especular a retomada da série com Clair Underwood como foco principal. Desta forma, entre os 11 comentários e repostas de comentários analisados, 3 comentários foram dominantes no processo de decodificação e somente 1 comentário foi opositivo. Referente às respostas de comentários, 4 foram opositivas aos comentários feitos pelos receptores e outros 3 foram dominantes a esses comentários. Analisando o processo de decodificação das respostas de comentários referente ao post, 3 receptores decodificaram a mensagem de forma dominante. Já outros 3 receptores a decodificaram de forma opositiva. Em 1 resposta de comentário, também houve o processo negociado em relação ao post.

Como, na data da publicação, ainda não havia um posicionamento oficial acerca da forma em que a série seria retomada, a indagação do público sobre o papel da personagem Claire começou a surgir. Com isso, além das dimensões técnica e jurídica, entre as manifestações do público emerge a dimensão de debates identitários e esta se mostra preponderante entre as demais. Visto que, de 11 comentários/respostas de comentários, em 6 destes temos a dimensão debates identitários indicada, conforme mostra o quadro a seguir:

**Quadro 2 - Análise e resultados do post 2**

Post 2						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	opositiva	técnica	Resposta 1	opositiva	dominante	jurídica
Comentário 2	dominante	outros	Resposta 1	opositiva	opositiva	debates identitários
			Resposta 2	dominante	dominante	debates identitários
			Resposta 3	opositiva	opositiva	debates identitários
			Resposta 4	dominante	negociada	técnica
Comentário 3	dominante	debates identitários	Resposta 1	opositiva	opositiva	debates identitários
Comentário 4	dominante	jurídica	Resposta 1	dominante	dominante	debates identitários

Fonte: elaboração da autora

Contudo, o post 2 permite constar que estimula determinada tendência à dimensão de debates identitários nos conteúdos expostos pelo público. Da mesma forma, o modo como o processo de decodificação é feito, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, reflete que a audiência se posiciona de forma dominante a codificação feita pela organização.

### 5.3.3 Post 3 – Posições de decodificações e dimensões

Já o post 3, publicado na página no dia 5 de março de 2018, um dia após as postagens de atualização de avatar e de capa, apresenta o primeiro teaser sobre a temporada final. O conteúdo do vídeo mostra a personagem Claire Underwood sentada na cadeira da presidência norte-americana, pronunciando a

seguinte frase “Isto é só o começo.” (já traduzida para o português) e indicado que esta fase da trama seria voltada à personagem. No final do vídeo, a Netflix faz o anúncio de que se trata da 6ª e última temporada da produção.

Entre as 6 publicações analisadas para a pesquisa, o post 3 foi o de maior repercussão, como já ilustrado na tabela 1. Evidentemente, ao considerarmos a proporção de trocas entre a audiência e a organização nas publicações, o post 3 é o de maior relevância nesta troca. Entre os 31 comentários e respostas de comentários, 7 comentários mostraram o processo de decodificação dominante ao de codificação, estabelecido pela organização. Outros 6 comentários foram opositivos. Já 3 comentários tiveram o processo decodificante negociado. Referente as respostas de comentários. Nesse sentido, para análise foram verificados 16 comentários.

Referente as respostas de comentários, 15 foram analisadas em 3 diferentes tipos de comentários. Dessas 15 respostas, 10 eram opositivas aos comentários e outras 5 possuíam decodificação dominante ao conteúdo dos comentários. Quanto ao processo de decodificação entre respostas de comentários e conteúdo do post, 12 respostas foram dominantes ao post, 2 respostas foram opositivas e 1 resposta teve a decodificação negociada.

Entre as dimensões estabelecidas, em 11 comentários foi envolvida a dimensão de debates identitários, 7 comentários à dimensão técnica e 6 comentários à dimensão jurídica. Já nas respostas de comentários, em 10 aparecem conteúdos pertinentes a debates identitários, 4 aparecem na dimensão técnica e 3 na dimensão jurídica. O quadro a seguir mostra a relação completa destes resultados:

**Quadro 3 - Análise e resultados do post 3**

Post 3						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	opositiva	debates identitários	Resposta 1	opositiva	dominante	debates identitários
			Resposta 2	opositiva	dominante	jurídica
			Resposta 3	opositiva	dominante	técnica
			Resposta 4	opositiva	dominante	técnica
			Resposta 5	opositiva	dominante	debates identitários
			Resposta 6	opositiva	negociada	debates identitários / jurídico
			Resposta 7	opositiva	dominante	debates identitários
Comentário 2	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 3	dominante	jurídica / debates identitários	Resposta 1	dominante	dominante	técnica
			Resposta 2	opositiva	opositiva	debates identitários / jurídico
			Resposta 3	dominante	dominante	debates identitários
			Resposta 4	dominante	dominante	debates identitários
			Resposta 5	opositiva	opositiva	debates identitários
			Resposta 6	dominante	dominante	debates identitários
Comentário 4	opositiva	debates identitários	Resposta 1	opositiva	dominante	debates identitários
Comentário 5	negociada	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 6	dominante	técnica / jurídica	Resposta 1	dominante	dominante	técnica
Comentário 7	opositiva	técnica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 8	negociada	técnica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 9	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 10	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 11	negociada	técnica / jurídica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 12	dominante	jurídica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 13	opositiva	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 14	opositiva	jurídica	x	x	x	x
Comentário 15	opositiva	técnica / jurídica	x	x	x	x
Comentário 16	dominante	debates identitários	x	x	x	x

Fonte: elaboração da autora

Portanto, no post 3, é possível constatar que possui tendência a estimular a dimensão de debates identitários nos conteúdos manifestados pelo público. Além do mais, a forma como o processo de decodificação é feito, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, pondera que audiência se mostra dominante a codificação feita pela organização.

### 5.3.4 Post 4 – Posições de decodificações e dimensões

O post 4, publicado na página no dia 11 de junho de 2018, consistiu na imagem da atriz Robin Wright nos bastidores da gravação da temporada final. Como legenda, foi inserida a frase: “Minha Vez”. Entre os 431 comentários e respostas de comentários da audiência no post, 6 foram analisados, conforme critério estabelecido. Desses 6, 5 eram comentários, onde 4 tiveram seu processo de decodificação dominante ao post, e 1 apresentou a decodificação negociada. Somente 1 resposta de comentário foi analisada e esta, teve o processo de decodificação dominante ao comentário e ao post.

Quanto as dimensões, 2 comentários tiveram a dimensão de debates identitários envolvidos, 1 comentário se caracterizou pela dimensão técnica, outro 1 comentário estava presente na dimensão jurídica e, por fim, 1 comentário foi categorizado na dimensão outros. A resposta de comentário, analisado no post, apresentou, em seu contexto, a dimensão técnica, de acordo com o quadro:

**Quadro 4 - Análise e resultados do post 4**

Post 4						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	negociado	técnica	x	x	x	x
Comentário 2	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 3	dominante	outros	x	x	x	x
Comentário 4	dominante	jurídica	x	x	x	x
Comentário 5	dominante	debates identitários	Resposta 1	dominante	dominante	técnica

Fonte: elaboração da autora

Desta forma, é possível verificar que a presença de uma tendência que estimula a dimensão técnica nas manifestações do público. Contudo, a maneira como o processo de decodificação é feita, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, considera que audiência se mostra dominante a codificação feita pela organização.

### 5.3.5 Post 5 – Posições de decodificações e dimensões

Quanto ao post 5, publicado na página no dia 11 de julho de 2018, data em que é comemorado o Dia da Independência dos Estados Unidos, foi divulgado um vídeo com a personagem de Claire parabenizando pelo Dia da Independência. Em sua fala, Claire parabeniza ela mesma pela sua independência. O material deu margem à diversas interpretações da audiência, incluindo o que seria a independência dela no enredo da história, assumindo sua posição de poder, até mesmo a independência dela ao marido, Frank Underwood, interpretado pelo ator afastado, Kevin Spacey.

Dos 25 comentários e respostas de comentários analisados, 20 se tratavam de comentários e outros 5 de respostas de comentários. Entre os comentários da audiência, 15 tiveram seu processo de decodificação dominante a codificação imposta pela organização, 3 foram opositivos e outros 2 foram negociados. Nas 5 respostas de comentários, em 3 ocorreu a decodificação opositiva ao comentário e outros 2 tiveram a decodificação dominante aos comentários. Referente a posição de decodificação das respostas de comentários ao post, 3 foram opositivas, 1 resposta dominante e 1 outra resposta foi negociada.

No âmbito das dimensões, 10 comentários envolviam manifestações da referentes à debates identitários, 9 na dimensão técnica, 2 na dimensão jurídica e 2 na dimensão outros. Lembrando que, várias dimensões podem aparecer em uma mesma manifestação. No que se refere as respostas de comentários, das 5 respostas, 3 estavam presentes na dimensão de debates identitários, 2 na dimensão jurídica e 1 na dimensão outros, conforme ilustra o quadro a seguir:

**Quadro 5 - Análise e resultados do post 5**

Post 5						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	dominante	técnica	Resposta 1	opositiva	opositiva	outros
			Resposta 2	opositiva	negociada	debates identitários
Comentário 2	dominante	debates identitários	Resposta 1	opositiva	opositiva	debates identitários / jurídica
Comentário 3	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 4	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 5	dominante	jurídica	Resposta 1	dominante	dominante	jurídica
Comentário 6	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 7	negociada	técnica	x	x	x	x
Comentário 8	negociada	técnica / jurídica	x	x	x	x
Comentário 9	opositiva	outros	Resposta 1	dominante	opositiva	debates identitários
Comentário 10	dominante	técnica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 11	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 12	opositiva	técnica	x	x	x	x
Comentário 13	dominante	outros	x	x	x	x
Comentário 14	opositiva	técnica / debates identitários	x	x	x	x
Comentário 15	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 16	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 17	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 18	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 19	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 20	dominante	debates identitários	x	x	x	x

Fonte: elaboração da autora

Portanto, nota-se que o post 5 apresenta tendências a estimular a dimensão de debates identitários nas manifestações do público. Ademais, o modo como o processo de decodificação é feito, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, considera que audiência se mostra dominante a codificação feita pela organização.

### 5.3.6 Post 6 – Posições de decodificações e dimensões

Por fim, o post 6, publicado no dia 7 de agosto de 2018, trazia a imagem de Claire com as informações sobre o lançamento da temporada final de *House of Cards*, prevista para iniciar no dia 2 de novembro do mesmo ano, conforme

exposto na própria imagem e na legenda da publicação. Na imagem, era possível ver a personagem de Claire em uma espécie de trono.

Entre os 20 comentários e respostas de comentários, 12 se tratavam de comentários e 8 de respostas de comentários. Entre os 12 comentários, 6 tiveram seu processo de decodificação opositivo ao post, 4 foram dominantes e 2 foram negociados. Já entre as respostas de comentários, dos 8 analisados, 6 foram opositivos aos comentários, 1 foi dominante e 1 foi negociado. Quanto a posição de decodificação das respostas de comentários ao post, 5 comentários foram dominantes ao processo de codificação estabelecido pela organização, outros 2 foram negociados e 1 foi opositivo.

Referente às dimensões, 5 comentários contemplavam a dimensão técnica, outros 3 a dimensão de debates identitários, 1 a dimensão jurídica e 3 a dimensão outros. Já nas respostas de comentários, 5 respostas atendiam à dimensão debates identitários, 2 a dimensão jurídica, 1 resposta a dimensão técnica e outras 2 respostas a dimensão outros, conforme o quadro:

**Quadro 6 - Análise e resultados do post 6**

Post 6						
Comentários	Posição de decodificação do comentário ao post	Dimensão do comentário	Resposta de comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao comentário	Posição de decodificação da resposta quanto ao post	Dimensão da resposta de comentário
Comentário 1	opositiva	técnica	Resposta 1	opositiva	dominante	outros
			Resposta 2	opositiva	negociada	técnica / jurídica
Comentário 2	opositiva	jurídica	Resposta 1	opositiva	dominante	debates identitários
			Resposta 2	opositiva	dominante	jurídica / debates identitários
			Resposta 3	dominante	opositiva	debates identitários
			Resposta 4	opositiva	dominante	debates identitários
			Resposta 5	negociada	negociada	debates identitários
			Resposta 6	opositiva	dominante	outros
Comentário 3	opositiva	outros	x	x	x	x
Comentário 4	negociada	técnica	x	x	x	x
Comentário 5	opositiva	técnica	x	x	x	x
Comentário 6	negociada	técnica	x	x	x	x
Comentário 7	dominante	técnica	x	x	x	x
Comentário 8	dominante	outros	x	x	x	x
Comentário 9	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 10	opositiva	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 11	dominante	debates identitários	x	x	x	x
Comentário 12	opositiva	outros	x	x	x	x

Fonte: elaboração da autora

Assim, é possível verificar que o post 6 possui determinada tendência a estimular a dimensão de debates identitários nas manifestações do público. Além disso, o modo como o processo de decodificação é feito, considerando somente a posição de comentários e respostas de comentários ao post, pondera que audiência se mostra dominante a codificação feita pela organização.

#### 5.4 Resultados de dimensões e posição de decodificações entre os posts

De modo geral, ao analisarmos os 6 posts, verificamos que em 4, a dimensão predominante é a de debates identitários, seguida por 2 posts com a dimensão técnica. Por essa perspectiva, a dimensão jurídica não é preponderante nas publicações. No que se refere aos recursos de decodificação por parte da

audiência presente nos materiais, compreende-se que o processo foi majoritariamente de forma dominante a codificação executada por *House of Cards* em sua *fanpage*, no Facebook, conforme quadro a seguir.

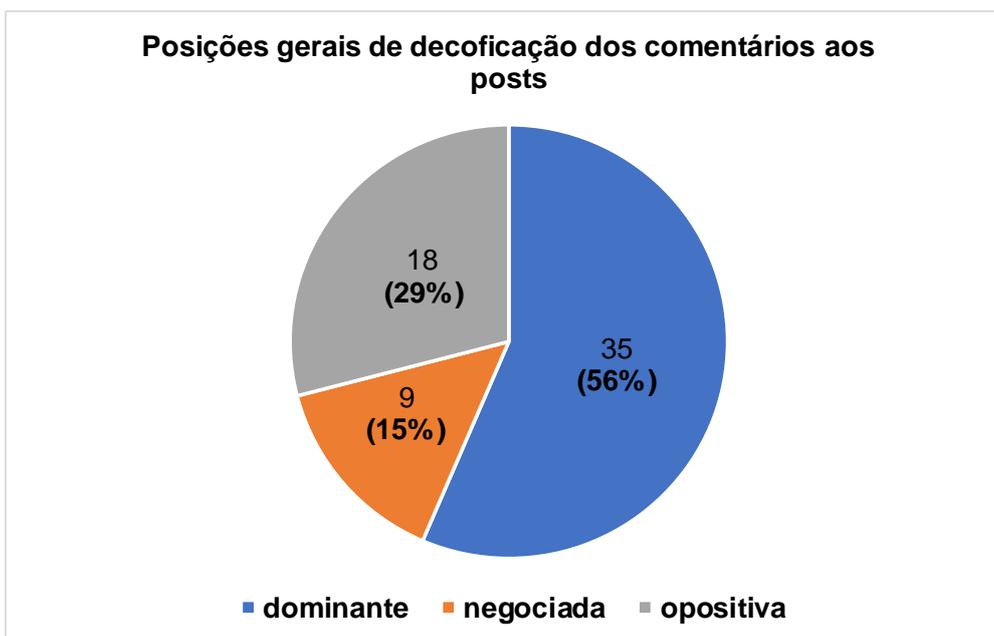
**Quadro 7** - Análise geral de dimensões e decodificações preponderantes por post

Post	Dimensão	Decodificação ao post
1	Técnica	Dominante
2	Debates Identitários	Dominante
3	Debates Identitários	Dominante
4	Técnica	Dominante
5	Debates Identitários	Dominante
6	Debates Identitários	Dominante

Fonte: elaboração da autora

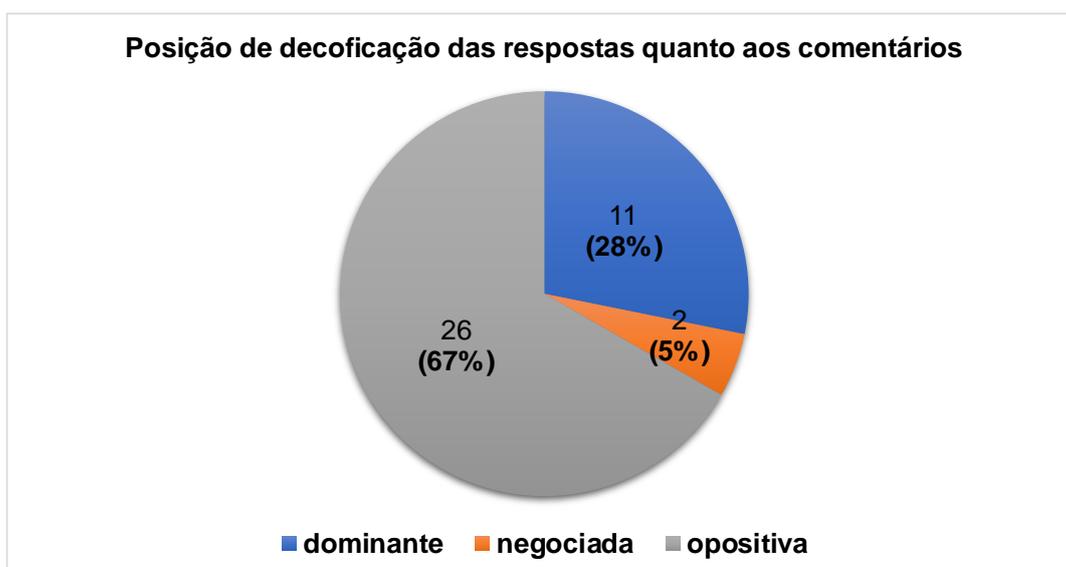
Portanto, entende-se que a audiência de *House of Cards* prepondera discussões acerca dos contextos identitários e considera todas as conjunturas implicadas nesse debate em relação a retomada da série com a personagem de Claire Underwood, interpretada pela atriz Robin Wright, como protagonista. Da mesma forma, por predominar posições de decodificações dominantes a codificação da organização, compreende-se que, de forma geral, a audiência apoia a retomada da série com uma personagem do gênero feminino assumindo o papel principal da trama.

Assim, dos 102 comentários/respostas de comentários analisados, 62 referem-se a comentários e 40 tratam-se de respostas a comentários que, por sua vez, quando existentes, foram majoritariamente opostas aos comentários, revelando assim, o engajamento dos fãs nas discussões e, até mesmo, muitas vezes, seguindo em defesa da série. Com isso, considerando a totalidade dos 6 posts analisados, os gráficos a seguir ilustram cada nível de posição entre a audiência:

**Gráfico 5 - Posições gerais de decodificação dos comentários aos posts**

Fonte: elaboração da autora

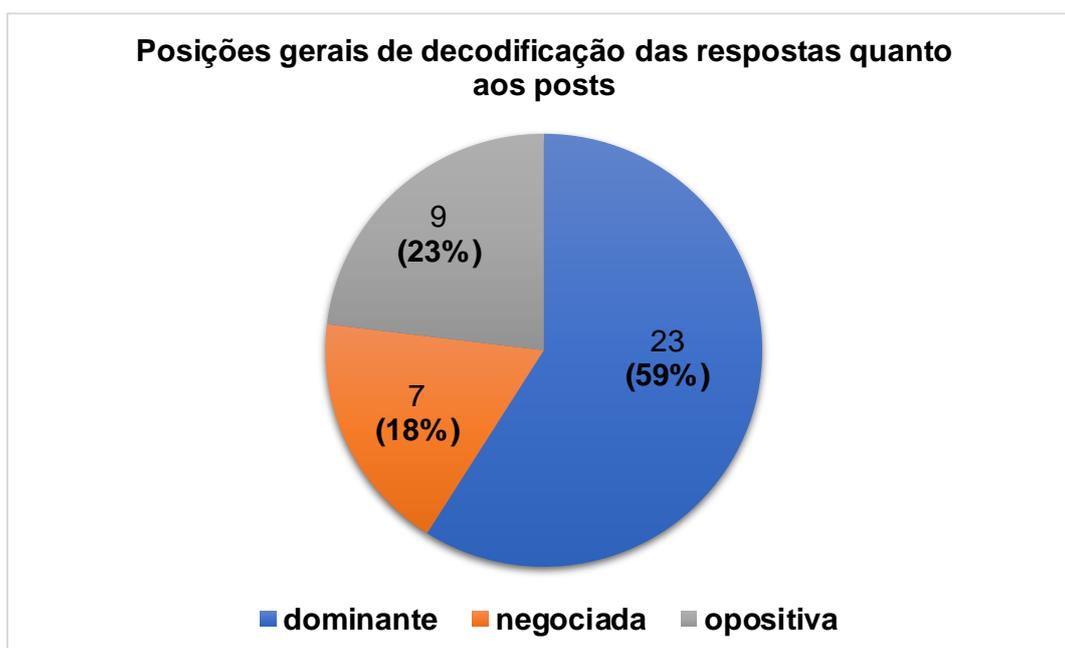
Assim sendo, o nível de posição entre a audiência e a organização, em todos os posts analisados, possui predomínio no que se refere à decodificação dominante ao conteúdo divulgado pela série na *fanpage*.

**Gráfico 6 - Posição de decodificação das respostas quanto aos comentários**

Fonte: elaboração da autora

No que se refere às respostas aos comentários, majoritariamente, os receptores que propõe discussões com os demais receptores, apresentam posição de decodificação opositiva a eles. Ao considerarmos que a dimensão predominante em todos os posts é de debates identitários e, o que gerou mais respostas a comentários é justamente discussões que envolvem esta dimensão, conforme apresentado em quadros anteriores, conclui-se que o tensionamento entre a audiência ocorre precisamente no embate identitário, por isso representam 67% de posições decodificantes opositivas. Ainda assim, mesmo que a decodificação opositiva represente 67% em todos os 6 posts, 28% dos receptores que respondem aos comentários de outros receptores, se posicionam com a decodificação dominante a eles, ou seja, concordam com seus posicionamentos, independente a reação da codificação da organização.

**Gráfico 7 -** Posições gerais de decodificação das respostas quanto aos posts



Fonte: elaboração da autora

Quanto as posições de decodificação das respostas de comentários a todos os 6 posts analisados, verifica-se que a postura da audiência, neste contexto, é de apresentar como dominante o processo de codificação da organização.

De acordo com que Freire Filho (2005) aborda sobre a produção da representação midiática da mulher e o modo como são exibidas ao público, verifica-se que os processos culturais, aqui tratados pela organização e pela audiência, funcionam tanto para aceitação da dominação social, quanto para encorajar as camadas envolvidas nos sistemas de opressão a questionar ideologias e estruturas de poder conservadoras. Assim, por meio da série *House of Cards*, que é um produto midiático, é concedida à audiência definições textuais e visuais do que é conveniente à conduta moral, postura política e comportamento no contexto identitário.

Ainda segundo Freire Filho (2005), os aparatos e recursos simbólicos apresentados pela mídia, são essenciais para que os públicos possam construir o senso de representação de atributos sociais. Portanto, as análises que os indivíduos fazem de si mesmo e dos demais, através dos referenciais midiáticos, interferem significativamente em suas identidades. Todo este processo pode ser visto durante a pesquisa, principalmente nos tensionamentos e enfretamentos entre as audiências da série, acerca dos debates identitários.

Portanto, a partir do que foi analisado até então, consideramos que o problema de pesquisa foi respondido, visto que as percepções do público foram verificadas a partir das temáticas apresentadas no conceito de dimensão, bem como pela categoria de decodificação, conceituada por Hall (2003), sendo que a dimensão preponderante da audiência influi nos debates identitários e a decodificação foi executada de forma dominante a codificação proposta por *House of Cards* em suas publicações, no Facebook.

Desse modo, o objetivo geral foi alcançado ao identificar as diferentes camadas de percepção entre audiência e organização, bem como as interações efetuadas entre a própria audiência. O primeiro objetivo específico, foi retratado ainda no começo deste trabalho, especificamente no capítulo 2, por se acreditar que a apresentação do seu resultado contribui para a compreensão das demais etapas da pesquisa, de forma que expõe o posicionamento da Netflix, em sua *fanpage*, quanto aos escândalos e o modo de retomada com novos rumos para a série.

Ao identificar as dimensões técnicas, jurídicas e de debates identitários no processo de posição da audiência, a partir do conteúdo proposto pela organização, compreendemos o objetivo específico que propunha identificar as

diferentes temáticas envolvidas nas camadas de percepção. Por fim, o objetivo específico que visa analisar as posições de decodificação da audiência quanto aos novos rumos da série *House of Cards* a partir das teorias de Stuart Hall, foi obtido ao observar que boa parte da audiência tem considerável aceitação na retomada da série.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo o que foi apresentado até aqui, conclui-se que, de forma geral, o público de *House of Cards*, no contexto de retomada da série, tenciona suas discussões a respeito dos debates identitários, principalmente, e concorda com o posicionamento da Netflix em apresentar o protagonismo da personagem Claire Underwood em sua temporada final. Assim, considera-se que foi possível responder à questão norteadora, tendo em vista que foram identificadas as percepções do público sobre esse contexto.

O modo como o público interage nas publicações, propostas pela série em sua *fanpage*, e as camadas que ocasionam as diferentes percepções, foram definidas pelo objetivo geral da pesquisa, que verificou a diversidade de tensionamentos e formas de relação entre organização e audiências. O posicionamento da Netflix, quanto aos escândalos e o modo de retomada com novos rumos para a série, conforme previsto em um dos objetivos específicos, foram apresentados para que o leitor pudesse compreender o contexto da trama, bem como os acontecimentos que levaram às circunstâncias descritas acima.

No segundo objetivo específico, foi possível identificar as diferentes temáticas envolvidas nas camadas de percepção da audiência com a organização, tais como: condições técnicas dos atores e da própria trama, questões jurídicas acerca das denúncias do ator Kevin Spacey e, principalmente, o tema mais envolvente desta pesquisa, que implicou nas discussões sobre debates identitários.

Com a demissão do ator Kevin Spacey e os novos rumos da série, o terceiro objetivo específico proposto buscava as posições de decodificação da audiência neste cenário. Com a análise realizada pelo viés do objetivo, percebe-se que, de modo geral, a audiência de *House of Cards* aprovou, satisfatoriamente, a retomada da série nos moldes apresentados pela Netflix, com a personagem de Claire Underwood no protagonismo do enredo.

Assim, referente a concepção de representação no contexto midiático, averiguou-se como esse processo é significativo por meio da aplicação ao objeto de estudo, visto as construções identitárias dos sujeitos contemporâneos. A quebra de padrões, ou a representação de uma mulher que, culturalmente, integra a minoria social, em um cenário de destaque, demonstra as diferentes reações

do público. Nesse sentido, para tal análise, foram considerados os processos de recepção, mais especificamente, o sistema de codificação e decodificação de mensagens midiáticas.

Além do mais, alguns desafios foram encontrados no percurso da pesquisa. Primeiramente, o recorte da análise, onde foi preciso realizar a leitura de mais de 6.800 comentários. Conseqüentemente, o contato e a organização dos dados, a formulação de diversos quadros, gráficos e tabelas, feitos para chegar às classificações finais, demandaram esforço e tempo significativo. No entanto, esses processos foram cruciais, pois revelaram uma experiência importante no contexto de pesquisa. Não obstante, os resultados gerados pela pesquisa, foram considerados satisfatórios pela pesquisadora, visto que contribuem para sua trajetória de aprendizado.

Outra dificuldade encontrada, foi verificar tantas manifestações de cunho machista e misógino por parte do público masculino, frente a representação de uma mulher, mesmo que no ambiente ficcional. Pessoalmente, para a pesquisadora, a compreensão de comentários desta ordem, demonstram os princípios reversos de nossa sociedade, que são desenvolvidos culturalmente.

Contudo, para os estudos de comunicação e para a área de Relações Públicas, a intenção é que esta pesquisa contribua na valorização dos estudos de audiência, assim como de representações midiáticas e das discussões acerca dos debates identitários, uma vez que estes contextos são importantes para pensar os relacionamentos entre os públicos e a comunicação das organizações. Ademais, o procedimento metodológico utilizado pode ser empregado em outras situações e objetos que, sobretudo, envolvam os debates identitários e recepção, relacionados ou não à ficção. Entretanto, também é importante frisar que a ficção é um importante e amplo espaço de trabalho aos profissionais.

Particularmente, a prática de reflexão crítica sobre um grupo que se tem algum tipo de conexão é, sem dúvida, extremamente preciosa, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Se alguns dos resultados asseguraram possibilidades fundamentadas no conhecimento do meio estudado, o afastamento necessário para realizar a pesquisa proporcionou reflexões importantes, que certamente transformam a ligação da pesquisadora com o objeto de estudo.

Por fim, como possíveis desdobramentos do estudo, pode-se pensar em análises de outros produtos midiáticos que envolvam debates identitários em processos de recepção. Além disso, também considerar a repercussão da audiência na temporada final de *House of Cards* que, no recorte da pesquisa, ainda não estava sendo veiculada, a fim de verificar se o mesmo público analisado segue com as mesmas percepções da trama. Ainda, por se tratar de um campo de pesquisa com mudanças constantes, uma vez que novas produções são lançadas periodicamente, com novos enredos e novos personagens, estudos aplicados a este contexto podem sempre serem contínuos.

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, São Paulo, v.6, n. 10-11, p. 116-120, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139013>> . Acesso em: 6 set. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 4 ed. Difusão Européia, São Paulo, 1970.

CLAUDIA. **Robin Wright: “Me prometeram um salário igual e descumpriram”**. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/robin-wright-feminismo-igualdade-salario/>> Acesso em: 5 ago. 2018.

DUARTE, Jorge (Org.); BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EL PAÍS. **Robin Wright exige mesmo salário que Spacey em ‘House of Cards’**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/18/cultura/1463585891\\_280658.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/18/cultura/1463585891_280658.html)> Acesso em: 5 ago. 2018.

ESCOSTEGUY, D. Ana Carolina. **As identidades de gênero nos estudos brasileiros de recepção**. In:\_\_\_\_\_. (org). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 30-37.

EXAME. **Equipe de “House of Cards” acusa Spacey de abuso sexual**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/equipe-de-house-of-cards-acusa-spacey-de-abuso-sexual/>> Acesso em: 5 ago. 2018.

FREIRE FILHO, João. **Força de Expressão: Construção, Consumo e Contestação das Representações Midiáticas das Minorias**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0320-1.pdf>> . Acesso em: 11 out. 2018.

GAÚCHAZH. **Versão original de "House of Cards" entra na programação da Netflix**. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2016/05/versao-original-de-house-of-cards-entra-na-programacao-da-netflix-5795335.html>> Acesso em: Acesso em: 5 ago. 2018.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. [S.l.: s.n.], 2000. Disponível em: <[http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi\\_miriam\\_identidade\\_de\\_genero\\_e\\_sexualidade.pdf](http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf)>. Acesso em 10 nov. 2018.

G1. **'House of Cards' suspende gravações após Kevin Spacey ser acusado de assédio sexual**. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/house-of-cards-suspende-gravacoes-apos-kevin-spacey-ser-acusado-de-assedio-sexual.ghtml>> Acesso em: 5 ago. 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa; **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. New York, Columbia University Press. 1989 (tradução de Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila). Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf)> Acesso em 30 de out. 2018.

NETFLIX. **House of Cards**. Disponível em <<https://www.netflix.com/br/title/70178217>> Acesso em: 5 ago. 2018.

NEXO. **A ascensão de Robin Wright em 'House of Cards' e sua disputa por igualdade salarial**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/06/A-ascens%C3%A3o-de-Robin-Wright-em-%E2%80%98House-of-Cards%E2%80%99-e-sua-disputa-por-igualdade-salarial>> Acesso em: 5 ago. 2018.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La condición comunicacional contemporânea**. Desafios latino-americanos de la investigación de las interacciones en la sociedade red. In: JACKS, Nilda. (coord.ed.). **Análisis de recepción en América Latina: um recuento histórico com perspectivas al futuro**. Quito: CIESPAL, 2011.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* (São Paulo), v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1>> Acesso em 12 nov. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet.* Porto Alegre: Sulina, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.**

STOLLER, Robert. **Sex and gender.** Karnac Books, 1994.

TOMAZETTI, Pauli Tainan; CORUJA, Paula; **Relações de gênero:** os desafios para além das binaridades, identidades e representações. In: JACKS, Nilda (Org.) **Meios e Audiências III:** reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017. p.171-191.

VIEGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo:** um estudo sobre modos de produção de notícias. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.